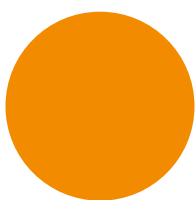


gazeta Valsassina

Junho 2014 . n56



Do aprender ao empreender



Índice

Editorial	1
Do crescer ao empreender	2
Os empreendedores de amanhã	4
Colégio Valsassina e AIP-CCI juntos pelo Empreendedorismo Jovem	5
Quando o outro é o nosso empreendimento. Filigrana de afetos	6
Que professores queremos para alunos do século XXI?	8
Os desafios da criança desatenta	9
Grande fábrica	10
Livro "Dois reinos e uma coroa"	10
Entrevista com escritor David Machado	12
Entrevista com escritor Richard Zimler	14
Descrever Portugal	16
A aldeia dos nomes	16
Constante ausência	18
Como quiserem chamar-lhes	19
Alimentar o mundo respeitando a Terra	20
O final de um ciclo...	21
Missa de finalistas 12º ano. Texto apresentado na ação de graças	22
Artes... a opção natural...	24
A parceria com um Museu e a participação num concurso	25
Projeto de Curtas-Metragens de animação - 12º4	26
Manhãs abertas nos 5 anos	28
Mãos à obra: vamos criar a nossa empresa	30
A Ordem das Dezenas (parte II)	32
Condomínio da Terra: Entrevista ao jurista e investigador Paulo Magalhães	34
Do crescer ao empreender... com ciência	36
Sciencecalifragilistic	38
Geneta: um animal selvagem que até ao século IX desempenhava o papel de animal doméstico	40
Projeto procura salvar da extinção o Miosótis-das-Praias em Cascais	40
My book review: The Hobbit by J.R.R Tolkien	41
An ocean of plastic	41
Educar para a qualidade e excelência	42
Colégio em ação...	44
Colégio em ação... um dia na escola	46
Educar mentalidades sem condições e em urgência	48
Aconteceu...	49
Aconteceu no desporto...	52

FICHA TÉCNICA

Fundadores **Frederico Valsassina Heitor**
Maria Alda Soares Silva e seus Alunos
Diretor **João Valsassina Heitor**
Diretor Editorial **João Gomes**
Projeto Gráfico e Paginação **Sandra Afonso**
Impressão **idg - Imagem Digital Gráfica**
Propriedade **Colégio Valsassina**
Tiragem **1300 exemplares**

Colégio Valsassina
Quinta das Teresinhas 1959-010 Lisboa
218 310 900
218 370 304 fax
geral@cvalsassina.pt
www.cvalsassina.pt

editorial

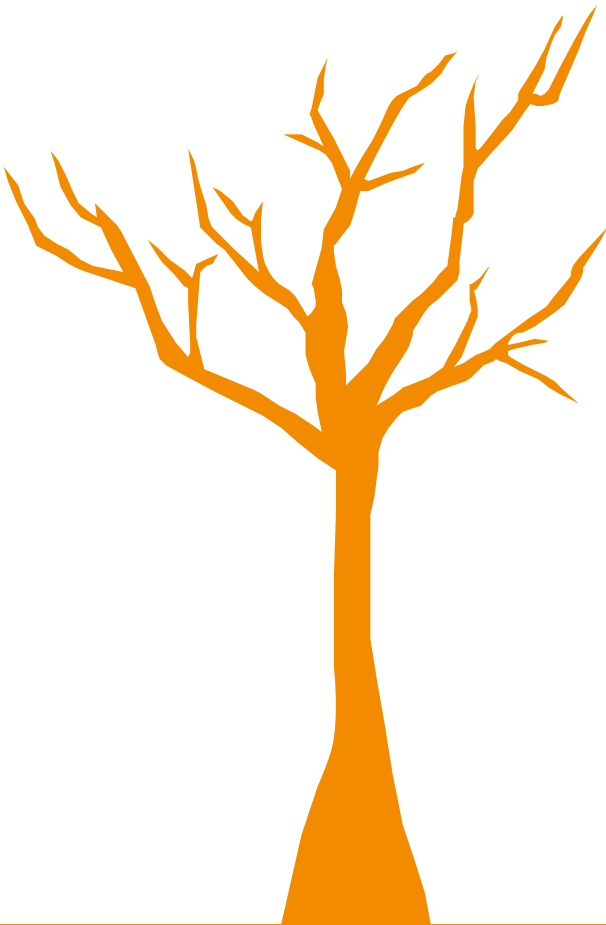
João Valsassina Heitor Diretor pedagógico

A nossa festa anual “ Um dia na Escola” foi um exemplo vivo da forma como os nossos alunos crescem, desde o jardim de Infância até ao secundário, investigando, trabalhando em projetos, empreendendo, utilizando todos eles diversos instrumentos, desde as novas tecnologias até à pura e simples narrativa ou ao discurso argumentativo.

Assistiu-se à apresentação de projetos cujos temas exigiram, por parte dos alunos, um trabalho de investigação, que foi em muitos casos partilhado pelos Pais, com relatos orais e informação bibliográfica a que se junta agora o uso riquíssimo da internet. A recolha de informação fiel e verdadeira de factos passados só foi possível utilizando as novas tecnologias como meio de aprendizagem quer a realizada em sala de aula, com orientação do professor, quer a que foi feita em casa pelos alunos nos seus computadores individuais

Este é um tema incontornável para a próxima década: o uso das novas tecnologias no ensino, terá de ser sempre feito em articulação entre o aluno e o professor e como fonte de aprendizagem de novos conhecimentos.

Numa Comunidade Educativa tão abrangente como a nossa, com alunos dos 3 aos 18 anos verificamos que se cresce a empreender, como ideal presente no nosso projeto educativo. Todos eles, seja qual for a sua idade, investigam, recolhem informação e tratam-na orientados pelos professores, partilham-na e apresentam os seus projetos, utilizando todos os instrumentos e meios de comunicação ao seu dispor, da exposição oral às canções, dos filmes à dança, do teatro à música e exposição de materiais. Tudo isto com uma saudável participação e colaboração das famílias que enriqueceram as atividades e os diversos projetos.



“... aquisição de competências empreendedoras, como sejam a proatividade, a criatividade e inovação e a convivência com o risco, numa ótica de autoconhecimento e reconhecimento das capacidades individuais...”



Sessão de trabalho no âmbito da Academia Empreender Jovem, 12º ano.

Do crescer ao empreender

Frederico Carvalho Silva Consultor

Nos anos mais recentes, o empreendedorismo, enquanto fenómeno de criação de empresas e de geração de postos de trabalho, tem sido alvo de especial atenção pelos mais variados setores da sociedade, na Europa e em Portugal. As instituições europeias e nacionais consideram o empreendedorismo como fundamental para o novo modelo de crescimento económico e criação de emprego “pós-crise”. A Comissão Europeia, reconhecendo este papel estruturante, estabeleceu em 2013 o “Plano de Ação Empreendedorismo 2020 – Restabelecer o espírito empresarial da Europa”, onde define as linhas orientadoras para a promoção do empreendedorismo nos Estados-Membros. Para além de abordar questões processuais como o financiamento e o apoio a novas empresas, este Plano centra a sua atenção em dois outros aspetos que influenciam a atividade empreendedora: por um lado, a perspetiva cultural, sobre como o empreendedorismo é visto e percebido na sociedade. Por outro, a perspetiva comportamental, que aborda a necessidade de promover o ensino dos comportamentos e atitudes empreendedoras.

Estamos assim perante três perspetivas consideradas fundamentais para a promoção do empreendedorismo:

A primeira, relativa aos processos e ferramentas necessárias à criação de negócios, tem tido grande evidência em variados programas de apoio público e privado, desde há alguns anos. É o caso dos programas de apoio à elaboração de planos de negócio, ao acesso a financiamento e outros aspetos de natureza processual.

Quanto à perspetiva sociocultural, relativa à aceitação e convivência com este fenómeno, existem ainda, em Portugal e na Europa, perceções e conotações negativas quanto ao papel que os empreendedores assumem na sociedade, e o empreendedorismo não é considerado um percurso profissional preferível a outras alternativas. Como se afirma no Plano de Ação mencionado, “na Europa, ser empresário raramente corresponde a uma das profissões mais desejadas”.

Por fim, a perspetiva dos comportamentos e atitudes empreendedoras, que já é parte integrante de programas de promoção do empreendedorismo, como por exemplo o **“Projeto Academia Empreende”** que o Colégio põe em prática desde o ano letivo anterior. Para além do que já foi referido, esta perspetiva é particularmente importante em duas vertentes complementares. Por um lado, a aquisição de competências empreendedoras, como sejam a proatividade, a criatividade e inovação e a convivência com o risco, numa ótica de autoconhecimento e reconhecimento das capacidades individuais, é um fator determinante da atividade empreendedora, i.e., esta atividade depende da aquisição daquelas competências.

Noutra vertente, deve realçar-se que o empreendedorismo não se restringe ao fenómeno de criação de empresas. De facto, nesta perspetiva comportamental, o empreendedorismo representa um conjunto de competências não somente necessárias à criação de empresas, mas também, e crescentemente, requeridas pelo mercado de trabalho a par de outras competências de natureza técnica. A proatividade, a criatividade, a autoconfiança, a resiliência, a consciente assunção de riscos e outros comportamentos empreendedores são cada vez mais um fator diferenciador muito valorizado em processos de seleção e recrutamento.

“... numa era de crescente afirmação da responsabilidade social e de reforço dos direitos e deveres dos cidadãos, a intervenção em áreas como o apoio social, as artes, o desporto e outras requer cada vez mais a utilização de competências empreendedoras, individual e coletivamente...”

Ainda nesta vertente, numa era de crescente afirmação da responsabilidade social e de reforço dos direitos e deveres dos cidadãos, a intervenção em áreas como o apoio social, as artes, o desporto e outras requer cada vez mais a utilização de competências empreendedoras, individual e coletivamente.

É por isso fundamental incluir no curriculum do ensino oficial, mas também promover no contexto social e familiar das crianças e jovens, o ensino destas competências empreendedoras, não só recorrendo à aprendizagem dos conceitos mas também à experimentação do processo empreendedor. Este pode incluir diversas fases e níveis de profundidade, consoante o ciclo de ensino em que se aplica, desde a geração de ideias e soluções para problemas na sociedade e no mercado, passando pela literacia financeira e económica e até à elaboração de modelos e planos de negócio.

Em conclusão, podemos dizer que, no que se refere às necessidades e objetivos do ensino do empreendedorismo, já conhecemos o que é necessário fazer; agora, e de uma forma empreendedora, é chegado o tempo de passarmos à ação.

Apresentação final dos projetos desenvolvidos ao longo do ano na Academia Empreender Jovem, 12º ano. (2/6/2014)



Apresentação de trabalhos para o exterior da comunidade escolar. Mostra de Ciência 2014. Museu da Eletricidade, maio 2014.



em destaque Os empreendedores de amanhã

Margarida Brito Departamento de Cooperação Empresarial e Empreendedorismo. Direcção de Competitividade Empresarial. Associação Industrial Portuguesa-Câmara de Comércio e Indústria.

“... pensar em soluções para problemas que existem à sua volta...”



Feira Final “Ateliers Empreender Criança” no Colégio Valsassina – Ano lectivo 2012/2013.

Reconhecida pela sua intervenção prática junto das empresas e empresários e acreditando que uma intervenção eficaz se faz investindo nas pessoas desde os níveis mais precoces da educação, a AIP desenvolve programas para os empreendedores de amanhã – as crianças do ensino básico – com o objectivo de criar o interesse e uma visão precoce do empreendedorismo como uma possibilidade. Deste modo desenvolveu o projecto “Ateliers Empreender Criança” de forma a poder ser integrado como Atividade de Enriquecimento curricular (AEC) ou no próprio currículo, iniciativa que foi desde logo bem recebida pelo Colégio Valsassina desde a primeira edição permitindo aos seus alunos “aprender, apreender, e a empreender”.

Presente no Colégio pelo segundo ano consecutivo com cerca de **80 alunos do 3º e 4º ano**, os “Ateliers Empreender Criança” valorizam o potencial empreendedor dos alunos. Permite o contacto com um conjunto de materiais pedagógicos estimulantes à base de filmes, jogos, storytellings de empreendedores, livros de histórias e fichas de trabalho. Com estes materiais, os alunos aprendem de forma lúdica a pensar em soluções para problemas que existem à sua volta e a desenvolverem projetos (produtos ou serviços) com enorme criatividade. Ao mesmo tempo que proporciona o **desenvolvimento de competências ao nível pessoal e social**: auto-confiança, comunicação, resolução de problemas, criatividade, proatividade, trabalho em equipa, planeamento, cidadania e responsabilidade.

Reconhecendo o poder das histórias (Storytelling) na escuta, aprendizagem, descoberta, criação, comunicação e encantamento, foi criada para os “Ateliers Empreender Criança”, a história da “Su Cesso”, uma menina da idade do público-alvo do projeto, de seu nome Susana Cesso que criou um produto e que o colocou à venda, criando o seu próprio negócio a que chamou de “Cinco Dedos doces”. A história que tem como objetivo ser o fio condutor de todo o programa, disponibiliza conceitos, métodos, exemplos, e simultaneamente orienta alunos e professores para a atividade a realizar na sessão.

O programa é desenvolvido durante o ano letivo e é composto por **30 sessões**, ministradas pelo professor que desenvolverá com a turma, 4 módulos: **A empresa; O Marketing; Os Resultados e Ser Empresário**. No final das 30 sessões, os alunos fazem uma apresentação do seu projeto à comunidade escolar, apresentando as suas ideias de negócio que foram desenvolvidos ao longo do programa. No final desta iniciativa teremos crianças e jovens mais autónomos, com mais iniciativa e a observar o mundo de forma diferente, vendo oportunidades nos problemas e procurando soluções de forma criativa e com valor.

Este projecto teve uma forte disseminação e implementação quer ao nível nacional como internacional, já que também está a ser implementado em Angola, Moçambique, Cabo Verde e Timor. No final deste ano letivo, cerca de 6.000 crianças em Portugal e naqueles países terão tido acesso a este programa. Nos próximos 5 anos prevemos que cerca de 80.000 crianças terão sido impactadas pelos ateliers empreender crianças e entre docentes, alunos, pais, empresas, autarquias, serão mais de 256.000 pessoas que terão sido sensibilizadas para o ensino do empreendedorismo nas crianças.

Feira Final "Academia Empreender Jovem" no Colégio Valsassina – Ano lectivo 2013/2014



“criar ambientes em que os alunos possam exercitar a sua capacidade de imaginar”

Vídeo promocional da Academia Empreender Jovem:
<https://www.youtube.com/watch?v=AvpNF3EzASQ>

Colégio Valsassina e AIP-CCI juntos pelo Empreendedorismo Jovem.

Paula Mónica Alves Departamento de Cooperação Empresarial e Empreendedorismo. Direção de Competitividade Empresarial. Associação Industrial Portuguesa-Câmara de Comércio e Indústria

O empreendedorismo assume-se como um dos principais fatores promotores do desenvolvimento económico de um país e, por isso, é considerado também como uma das oito competências-chave que deve ser adquirida nas escolas, tal como o Português, a Matemática ou outra qualquer disciplina já perfeitamente cimentada no programa curricular dos alunos.

Sendo a Educação um dos pilares da sociedade e assumindo que a capacidade empreendedora não é, exclusivamente, uma capacidade inata, mas sobretudo adquirida, caberá a toda a sociedade o papel de formar pessoas capazes de acompanhar e de se adaptarem, ou mesmo reagirem, às mudanças e desafios de uma sociedade em constante transformação.

Reconhecendo a relevância desta temática e o papel das escolas na adaptação dos jovens às transformações da sociedade, o Colégio de Valsassina associou-se pelo 2º ano consecutivo à Associação Industrial Portuguesa para porem em prática junto dos seus alunos do 11º e 12º ano a iniciativa Academia Empreender Jovem.

Trata-se de um programa que pretende criar ambientes em que os alunos possam exercitar a sua capacidade de imaginar ou mesmo por em prática possíveis negócios ou outras iniciativas/projetos, por forma a desenvolver desde muito cedo a sua capacidade de iniciativa, criatividade, autoconfiança, liderança, trabalho em equipa, responsabilidade e sentido cívico em tudo o que irão empreender, seja na vida académica e profissional como nos aspetos pessoais e sociais da vida quotidiana.

Em termos práticos este projeto utiliza uma Abordagem sistemática da construção de um modelo de negócios, com a introdução de metodologia inovadora de Business Canvas adaptado, culminado na apresentação pública dos projetos a um júri constituído por pessoas da comunidade educativa e empresarial.

No ano letivo 2012/2013 resultaram desta iniciativa 17 projetos, alguns dos quais premiados com a categoria “Ouro”. Este ano lectivo os trabalhos foram apresentados no dia 2 de Junho, repetindo-se o sucesso do ano anterior.



educar para o voluntariado



OS ALUNOS DO CENTRO SOCIAL E PAROQUIAL S. MAXIMILIANO KOLBE “Vocês estão aqui para nos ajudar.” **Guilherme, 11 anos**

“Estão aqui para nos ajudar a melhorar as notas.”

Daniela Gonçalves, 11 anos

“Estão a ajudar a aumentar as notas.” **João Monteiro, 12 anos**

“Acho bem. Para nos ajudar nas dificuldades para aumentar as notas.” **Martim Maria, 12 anos**

“Eu acho bem porque ajudam-nos a fazer os T.P.C.s, a subir as notas e a esclarecer as dúvidas.” **Fabiana Alexandra, 10 anos**

“Nós achamos que são muito exigentes e às vezes até demais. O bom de vocês estarem aqui é que nós podemos ver que estudar é fixe!”

By “Nós” (Não se quis identificar)

Desde pequena que fui habituada a partilhar. Ser professora implica também partilha. Ir até ao Centro Maximiliano Kolbe para estar, estudar, conversar, brincar... partilhar com aquelas crianças e jovens tem sido uma experiência enriquecedora para a minha formação, pois não esqueço que estamos em constante formação. A todos os que me acompanham nesta agradável tarefa um beijinho e um OBRIGADA.

Liliana Moreira. Professora.

Quando o outro é o nosso empreendimento. Filigrana de afetos.

Maria da Luz Fernandes

As pessoas que ao longo da nossa vida vamos conhecendo, muitas de quem já mal nos lembramos e outras que não conseguimos esquecer, vão-nos moldando e é com elas, e por causa delas, que nos vamos construindo e, quase sem nos apercebermos, fazendo crescer afetos. É por via desses encontros casuais que nos vamos transformando no que somos e, na maior parte das vezes, nem damos por isso.

Este caminho, de tão óbvio e tão natural, – somos humanos e vivemos entre humanos – impede-nos de perceber que é justamente nesta pequena evidência que reside o segredo de nos tornarmos, de facto, humanos: é o que os outros nos dão, desde o primeiro momento, que nos vai conferindo generosamente essa condição. O primeiro sorriso com que somos recebidos; os primeiros afagos e protetores contactos físicos; tudo o que nos ampara e nos permite ir crescendo com segurança; a aprendizagem dos afetos e da sobrevivência partilhada. Precisamos dos outros para nos tornarmos humanos, e os outros precisam de nós.

O que recebemos e damos de verdadeiramente importante na vida é fruto do afeto e da generosidade que não é possível contabilizar, mas todos já experimentámos esse valor: a felicidade de sentir a felicidade do outro.

O que damos e recebemos dos outros passa a ser, a partir de dado momento, não fruto de um acaso que não controlamos, mas ação decorrente de uma ideia de mudança; do fluir inconsciente passamos à consciência do que somos, do que queremos ser e do que fazer para o conseguir: esse é o momento em que nos tornamos, de facto, humanos; é quando descobrimos a humanidade do outro. É o nosso momento de, conscientemente dar ao outro, não porque devemos, mas porque queremos, porque precisamos.

Quase, de repente, descobrimos que há tanto e tantos onde e a quem dar e tantos e tantos a receber... a começar por nós próprios. Descobrimos, afinal tão perto e tão tangível, algo que procuramos ao longo da vida e que, às vezes, parece que apenas os outros conseguem: a felicidade, o prazer genuíno de nos sentirmos vivos porque com sentido.

Que o digam todos aqueles que já viveram a surpresa feliz do que sentem cada vez que desinteressadamente deram...

“Pequenas coisas podem fazer o teu dia!

Ao darmos algum do nosso tempo aos outros, acabamos por nos enriquecer com a experiência, seja ela boa ou má.

Ajudar os outros acaba por tornar-se uma necessidade: a felicidade que isso nos provoca é algo que passamos a querer repetir com frequência.

A ação de ajudar os outros tem um efeito contagioso: quem ainda não experimentou fica curioso da felicidade que dá e, por isso, cresce o número daqueles que descobrem que podemos ser úteis aos outros em muito mais do que alguma vez imaginámos e ter prazer com isso.

Não há uma idade para começar e são muitos os projetos que permitem a participação de todos, ao longo do ano.” 8°C

ALGUNS DOS NOSSOS VOLUNTÁRIOS

“Quando os ajudo a resolver as suas questões e exercícios dos trabalhos de casa, é como se estivesse a ajudar a minha irmã mais nova, e ao fazer isso, sinto-me realizada.”

Filipa Batista, 10º Ano

“Sinto que, apesar do pouco que sei, consegui ajudar alguns miúdos nas notas, e a pensar no futuro como algo melhor.”

Inês Graça, 10º Ano

“Para além da componente social que acarreta, a interação que temos a oportunidade de ter, é uma excelente maneira de lembrar/reaprender que são, percebo hoje, essenciais para o futuro.”

Laura Seara Cabeça, 11º Ano

“Esta experiência revelou-se extremamente gratificante. Não só os ajudamos com todo o apoio que possam necessitar como também aprendemos muito. Sobretudo, aprendemos a valorizar o que temos e os métodos que nos são incutidos no Colégio Valsassina. Obrigada por esta oportunidade enriquecedora!”

Catarina Allen Silveira, 11º Ano

“Disponibilizar-me e canalizar o meu conhecimento ao serviço destas crianças é extremamente gratificante. Digo mais, não se trata apenas de serviço solidário ou de uma forma correta de agir mas sim de uma missão de iluminar estas crianças com carinho e alegria através da partilha.”

Leonor Cid Pratt, ex-aluna

As empresas são, primeiro que tudo, as pessoas que as constituem e lhes dão forma, distinguem-se pela sua missão e projeto e pela forma como os concretizam na sua ação quotidiana, pela forma como tocam cada um e todos, deixando em todos a sua marca. São um organismo que, como cada um de nós, é influenciado e influencia aqueles com quem se cruza e até aqueles com quem parece nunca se cruzar. As empresas, como as pessoas, são o que escolhem ser e é por isso que, quando o percebemos, está lançada a semente para acreditar que um pode fazer a diferença em muitos.

Nesta medida o Colégio, como instituição cujo sentido profundo e razão de existir está no outro, é uma empresa que pela sua natureza, vive e respira este sentimento de altruísmo, de partilha e de filigrana de afetos.

As possibilidades são infinitas e haverá sempre pelo menos uma que está ao alcance de cada um: desde a participação em campanhas de cooperação internacional, como a que atualmente decorre no Colégio com o Projeto de Leitura para a Ilha do Príncipe, às campanhas nacionais com a Comunidade Vida e Paz e o Banco Alimentar, a Operação Nariz Vermelho, a Associação Sol, a CERCI, a Fundação Portuguesa de Cardiologia, a Fundação Raoul Foulereau, entre muitas outras e, mais perto de nós, na nossa freguesia de Marvila, das Missionárias da Caridade, a **um projeto de voluntariado vivido semanalmente por professores, atuais alunos do ensino secundário e ex-alunos do Colégio que dão apoio escolar a jovens do 2º e 3º ciclo que o Centro Social S. Maximiliano Kolbe acolhe diariamente.**

A realidade e a eficácia do trabalho voluntário é a melhor prova de que cada um de nós pode fazer a diferença na mudança da realidade: não somos meros pontos insignificantes num universo imenso em que passamos despercebidos. Fazemos parte de uma filigrana de encontros, influências e emoções e isso torna-nos imprescindíveis no contributo que damos para equilibrar as desigualdades que quotidianamente vivemos e vemos.

“Dar apoio escolar às crianças e jovens da Zona J é mais do que, à nossa escala, tentar contribuir para uma mudança. É dar testemunho, ser exemplo e partilhar um bem escasso que não teremos de volta: o nosso tempo.”

António Grilo, ex-aluno

Esta foi a minha primeira experiência no voluntariado e deu-me a oportunidade de aprender imenso. Ajudar estas crianças é, certamente, desafiante e poe-nos à prova todos os dias que lá vamos. Porém, é uma alegria e uma enorme sensação de vitória vê-las a resolver um exercício aparentemente impossível.

Ana Reis, 11º ano

Que experiência fantástica tem sido a ação e colaboração de todos os alunos e colegas envolvidos que, de forma desinteressada, dedicam um pouco do seu tempo e atenção ao estar com o outro. Nós não damos, nós recebemos sorrisos que nos dizem como a nossa presença é bem recebida e relevante.

Cláudia Viana. Professora.

Em qualquer tipo de Voluntariado, seja ele pessoal ou institucional, está sempre a dinâmica de ir ao encontro do outro. O sair de nós mesmos, das “nossas” realidades, das nossas vidas. Mais do que um dar, é um “dar-se”! E é isto que eu vi nos nossos alunos, ao longo destes últimos meses, no Centro Social e Paroquial de São Maximiliano Kolbe.

Paulo Victória. Professor.

educar para a reflexão Que professores queremos para alunos do século XXI?

Paula Colares Pereira dos Reis e Teresa Silveira-Botelho ESE João de Deus

Foi com muita satisfação que aceitámos o convite endereçado pela Dra. Maria Alda Soares Silva para colaborarmos na revista do Colégio “Gazeta Valsassina” no âmbito da parceria que a ESE João de Deus estabeleceu com o Colégio, para a realização de estágios no 2.º Ciclo do Ensino Básico, de futuros professores. Esta parceria não foi criada em vão, pois partilhamos o mesmo ideal humano onde os valores e a educação fazem parte da nossa identidade enquanto instituição de ensino.

Desde 2007 que o Colégio Valsassina tem colaborado na formação de futuros educadores e professores. Esta colaboração para além de complementar de forma inequívoca a formação profissional também promoveu o crescimento pessoal bem como o fortalecimento entre as duas instituições.

Enquanto formadores de educadores e professores colocamos com frequência as seguintes questões: O que é ser professor no século XXI? Quais os maiores desafios que se colocam à escola? Qual o papel da família? Como são as crianças dos nossos dias?

Responder a estas questões é porventura um dos grandes desafios que hoje se coloca à escola e à sociedade. Como responder então?

Silveira-Botelho, Pereira e Caldeira (2013) referem que “o papel da escola de formação inicial é fundamental na construção da identidade do futuro educador/professor e que este deve estar apetrechado com um conjunto de práticas colaborativas de trabalho que possam contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e profissional, temos (a equipa de supervisão e os orientadores cooperantes) como princípio analisar e refletir de forma sistematizada sobre essa temática quer entre nós quer com os alunos (...).”

Não há uma só forma de formar e educar. As escolas devem ter uma proposta pedagógica onde a avaliação e a metodologia de trabalho são fundamentais. Queremos formar crianças que estejam preparadas para os desafios da vida moderna, autónomas, criativas e críticas, que aceitem as influências da cultura e da globalização e que desenvolvam a parte cognitiva e afetiva. Curry (2003) realça a necessidade de educarmos as crianças não para o futuro mas para a vida.

Num estudo realizado pelas autoras atrás referidas, aos alunos da ESE João de Deus foi evidenciada e confirmada a

importância de que se reveste a Iniciação à Prática Profissional, pois estes “consideraram muito válido assistirem a aulas lecionadas pelos professores cooperantes”; “enquanto observam vão ganhando experiência”; “poderem colocar em prática o que aprenderam na teoria e na prática”; “que foram bem acolhidos pelas escolas cooperantes e pelos professores que explicam o que fazem e porquê”; e “são modelos a seguir”.

O professor que queremos formar é aquele que se questiona e reflete constantemente sobre a sua identidade pois, ao fazê-lo, promove o desenvolvimento profissional, pessoal e social tornando-se crítico, reflexivo e investigativo. Cabe também ao docente aprender a trabalhar em equipa, quer com os colegas quer com os pais, funcionários e direção, conhecer as famílias e as crianças, de modo a que possa promover uma comunicação eficaz e adequada, contribuindo para uma aprendizagem estimulante.

É na família que tudo começa. Para Reis (2008) o diálogo entre a escola e a família, seja ele qual for, é fundamental. As crianças veem, ouvem e, muitas delas, reproduzem o que seus progenitores falaram ou fizeram. É necessário encontrar mecanismos que visem ajudar as crianças, desde a mais tenra idade a encontrarem-se, a saber de si mesmas. Quando conhecemos as histórias dos alunos sabemos os seus saberes. Os alunos precisam de projetos voltados para desenvolver a autoestima, a solidariedade, o respeito às diferenças e o fortalecimento das relações interpessoais.

Cabe ao educador/professor um extraordinário papel pois será o mediador entre a escola, a família e a criança. Queremos cidadãos maduros que não esqueçam a importância dos valores que de facto precisamos: os humanos.

Como docentes da ESE João de Deus terminamos este artigo, com a certeza de que transmitimos aos nossos alunos que um **bom professor é aquele que é humano, bem formado, confiante, interessado, cumpridor, empenhado, trabalhador, culto, inovador, criativo, que sabe trabalhar em equipa, que se envolve em projetos dentro e fora da escola, e principalmente, que goste desta nobre e fascinante profissão.** Enquanto escola de formação estamos conscientes que cumprimos o nosso papel e os preparamos para o grande desafio de ensinar a formar as crianças deste século.



“... a atenção não depende apenas de aspetos puramente constitucionais/genéticos mas também do tipo de atividade, da estimulação/treino, do ambiente, de fatores emocionais e da motivação.”

Cury, A. (2003). Pais Brilhantes, Professores Fascinantes. São Paulo: Editora Sextante.

Reis, M. P. C.P. (2008). A relação entre Pais e Professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso. Tese de Doutorado em Educação Infantil e Desenvolvimento Psicopedagógico. Universidade de Málaga.

Silveira-Botelho, T., Pereira, M.P. R., Caldeira, M.F. (2013). Iniciação à Prática Profissional. Reflexão, Supervisão e Estratégias para o Futuro. Comunicação apresentada no Congresso Mundial de Educación Infantil e Formación de Educadores em Antequera (Espanha).

Os desafios da criança desatenta

Filipe Silva¹ e Rita Antunes²

¹Pediatra do neurodesenvolvimento do Hospital CUF Descobertas

²Psicóloga na unidade de neurodesenvolvimento do Hospital CUF Descobertas

A capacidade de focar e manter a atenção em estímulos específicos é uma competência cognitiva essencial. Em cada momento, o sistema nervoso processa inúmeros estímulos externos e internos, motivações, pensamentos e emoções. A capacidade de atenção permite-nos privilegiar determinados estímulos de forma a podermos processar a informação que é mais importante, remeter a informação acessória para segundo plano, planificar e realizar as tarefas até ao fim.

À semelhança de outras características e capacidades humanas, a capacidade de atenção ou concentração é variável de pessoa para pessoa, mesmo dentro do que é expectável. Algumas pessoas são ligeiramente distraídas e isso nota-se. Contudo, esta característica não tem uma repercussão significativa no dia a dia, pelo que não constitui propriamente uma perturbação/doença. Pelo contrário, quando desatenção é marcada e muito desfasada do que era esperado para a idade, pode ter consequências significativas na vida do indivíduo. Este aspeto da idade é importante, porque algumas crianças são mais desatentas na idade pré-escolar mas esta função melhora com o desenvolvimento. Pelo contrário, a desatenção pode tornar-se mais evidente à medida que a escolaridade e o grau de exigência progridem. Numa fase inicial, as boas capacidades cognitivas da criança podem compensar uma atenção mais reduzida.

Naturalmente, a atenção não depende apenas de aspetos puramente constitucionais/genéticos mas também do tipo de atividade, da estimulação/treino, do ambiente, de fatores emocionais e da motivação. Por este motivo, verifica-se muitas vezes que a atenção varia consoante o momento e o tipo de tarefa.

Parte das crianças identificadas como desatentas, vem a ter o diagnóstico de Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção. Nesta perturbação do desenvolvimento, existe défice de atenção que pode estar associado à hiperatividade. As crianças hiperativas dão mais nas vistas e são reconhecidas mais cedo, muitas vezes surgem queixas logo na idade pré-escolar. As crianças que são só desatentas podem passar despercebidas até surgirem dificuldades na aprendizagem na idade escolar. Para existir o diagnóstico, as queixas devem estar presentes em dois contextos (em casa e na escola habitualmente) e devem ter uma repercussão significativa no dia a dia. Naturalmente é necessário que a avaliação médica e psicológica exclua outros diagnósticos que se podem confundir. Hoje sabemos que esta situação é muito frequente, atingindo 5 a 8% das crianças em idade escolar. Infelizmente, o mau desempenho é muitas vezes atribuído a uma “falta de vontade”, falta de zelo ou de dedicação às tarefas escolares. Por este motivo, estas crianças são muitas vezes rotuladas de preguiçosas. Outras queixas típicas são a relutância em iniciar atividades que requerem concentração, interrupções frequentes, demora em concluir as tarefas e a desorganização. A dificuldade de concentração pode não ser evidente em atividades com ecrã e ação (como a televisão e os videojogos), acentuando-se nas atividades mais monótonas e menos motivantes.

Perante este quadro, numa primeira fase os pais e professores poderão adotar estratégias pedagógicas e comportamentais, como as que são apresentadas no site www.clubephda.pt e no livro “Hiperatividade e Défice de Atenção” editado por Ana Serrão Neto (Editora Verso de Kapa). Quando estas medidas se revelam insuficientes, é necessária avaliação médica e psicológica no sentido de confirmar o diagnóstico, detetar condições associadas e definir o melhor plano de intervenção. As crianças desatentas são um desafio mas existem vários recursos que podem ajudar, para que obtenham sucesso escolar e se tornem adultos felizes e bem sucedidos.

educar para o trabalho cooperativo e criação de uma obra



“Uma interpretação convita do projeto levou ao envolvimento de uma dezena de professores e 355 alunos de diferentes anos e ciclos”

A história foi escrita pelos alunos do 6º ano, foi ilustrada pelos alunos do 7º ano. Os alunos do 12º4 tiveram a tarefa de elaborar a animação.

Grande fábrica

Rui Andrade Livraria Cabeçudos

Criar um livro a várias mãos foi o grande desafio proposto.

A Fábrica de Histórias é um projeto de promoção da escrita com o qual se pretende envolver a **totalidade da comunidade escolar**, nomeadamente encarregados de educação.

Com o selo **Ler+**, atribuído pelo **Plano Nacional de Leitura**, superando os códigos estritamente escolares e com recurso a dispositivos pedagógicos e lúdicos, a **Fábrica de Histórias** valoriza os processos de interação entre os alunos, convidando igualmente os professores a realizar tarefas que contribuirão para sedimentar a identidade dos participantes no processo de criação de um livro e partilha do produto final, aproximando-os do mundo literário e potenciando as suas competências nas áreas da escrita, ilustração e dramatização de contos.

No Valsassina foi montada uma verdadeira grande Fábrica!

Uma interpretação convita do projeto levou ao envolvimento de uma dezena de professores e 355 alunos de diferentes anos e ciclos que, em cooperação, promoveram um trabalho persistente na procura de um resultado final que fosse bom, conseguindo-o sem descuidar os valores e as características do funcionamento interno. Se os professores foram inexecutáveis e focados, os alunos surpreenderam sempre, no envolvimento e na entrega, assumindo desde o início o seu papel de autores.

As diferentes tarefas da Fábrica de Histórias foram entrando a seu tempo e se na fase de produção do texto e ilustração existiu criatividade e trabalho, na fase subsequente, a da partilha, notou-se um interesse e uma valorização do trabalho dos colegas autores verdadeiramente empática.

No final, para além de um livro, temos todo um processo criativo documentado no DVD que dele faz parte integrante.

Um livro, um processo especial em que todos crescemos não só como autores, mas também como leitores, ouvintes e dinamizadores da leitura.

Livro “Dois reinos e uma coroa”

Mónia Silva Professora de Português. Coordenadora do projeto no Valsassina

Depois de todo o processo de escrita, reescrita e ilustração do livro, chegou altura do produto final. O livro está pronto!

Quando os alunos sentiram o livro e o folhearam ficaram com uma sensação de trabalho realizado. **“Eu sou escritor?!”**

Deixo aqui alguns comentários que os alunos teceram, depois de terem visto e sentido o livro que escreveram.



“Na minha opinião, o livro Dois Reinos e uma Coroa está uma pequena obra de arte. A história é mágica. Veio tudo da nossa imaginação”. **Marta Pereira, 6ªA**
“Adoro o livro! Estou ansioso por comprá-lo.” **Ricardo Nobre, 6ªA**
“Fiquei impressionada com o que vejo. Só penso: “Fomos nós que fizemos isto?! Estou mesmo muito orgulhosa do que conseguimos fazer.”

Mariana Filipe, 6ªA

“Para mim, esta foi uma experiência inesquecível. Toda a gente trabalhou arduamente para que o livro fosse um êxito. Todas as pessoas deram ideias, as melhores iam para o livro.”

Pedro Machado, 6ªA

“Escrever o livro desta forma foi uma grande ideia, pois agora os alunos conseguem trabalhar melhor em grupo.” **Pedro Machado, 6ªA**

“Quando formos adultos e tivermos filhos ou netos, vamos olhar para o livro e recordar memórias que nos ficarão para a vida!” **Teresa Correia, 6ªA**

“Fiquei muito orgulhosa deste trabalho.” **Teresa Correia, 6ªA**

“Fiquei fascinado com o produto final! Tivemos todos muito trabalho, mas valeu a pena!” **Federico Cestelli, 6ªA**

“Foi o primeiro livro que eu participei como escritor. Foi uma experiência que gostaria de repetir.”

Miguel Marinho, 6ªA

“O produto final ficou magnífico! As ilustrações a história... tudo! Todos trabalharam bem, professores e alunos.” **Beatriz Barroca, 6ªA**

“Este projeto ensinou-nos a trabalhar em conjunto e a ouvirmos as ideias das outras pessoas.”

Mariana Reis, 6ªA

“Os desenhos estão lindos e o texto muito bom. Nem parece que fomos nós que fizemos!” **Margarida Paim, 6ªA**

“Não houve ninguém que fosse excluído, toda a gente participou.”

Francisca Santos, 6ªA

“Foi muito divertido fazer o livro.”

João Dias, 6ªA

“O que eu gostei mesmo de escolher foi o título do livro.”

Catarina Quelhas, 6ªA

“Este livro irá ser uma ótima recordação da minha infância.”

Inês Nicolau, 6ªB

“Os alunos ficaram a saber como se faz um livro.” **Inês Santos, 6ªB**

“Aprendemos mais sobre como trabalhar em equipa.” **Catarina Ferreira, 6ªB**

“Depois de o livro estar pronto, senti muito orgulho e muito prazer. Este tipo de atividade é muito enriquecedor.” **Sofia Amaral, 6ªB**

“O livro ficou fantástico e nem parece que foi feito por alunos do liceu.”

Joana Bugalho, 6ªB

“Tive uma experiência de escritor.”

Diogo Íria, 6ªB

“Achei interessante terem feito a tradução para inglês.” **Diogo Gomes, 6ªB**

“Aprendemos muito com o livro.”

David Xia, 6ªB

“Esforçámo-nos muito nas reformulações do texto.” **Rodrigo Ladeiro, 6ªB**

“Gostei muito de fazer esta história.”

Lopo Silva, 6ªB

“Gostei muito de participar neste projeto. Sei que todos irão adorar!”

Mafalda Pinto, 6ªB

“O livro está melhor do que eu esperava!” **Miguel Eça, 6ªB**

“Ao ver o livro, fiquei feliz por ver que o trabalho em equipa resultou! Vou adorar observar as pessoas a sorrirem por verem o nosso trabalho. Obrigada pela proposta!” **Joana Paiva, 6ªC**

“O livro está ótimo! Trabalhámos muito para termos um bom resultado. Esta obra Dois Reinos e uma Coroa é um livro divertido. Recomendo a sua leitura!” **Rita Carvalho, 6ªC**

“Este livro teve muito efeito em nós. Motivou-nos a escrever mais histórias e a melhorarmos a ortografia.”

João Cruz, 6ªC

“Senti ansiedade e nervosismo durante a realização do projeto. Agora, sinto muito orgulho!” **Inês Pinheiro, 6ªC**

“Adorei foi diferente de tudo o que poderia ter feito na aula, pois tínhamos um objetivo para além da entregar os trabalhos para a avaliação. Foi um género de desenho que ainda não tinha experimentado.” **Pedro Dias, 7ªD**

“Para mim, este projeto foi muito interessante e inspirador. Aprendemos e divertimo-nos ao mesmo tempo! Sinto-me muito feliz por ter participado na elaboração de um livro!”

Francisco Moreira, 6ªC

“Na minha opinião, foi muito divertido termos a oportunidade de construir um livro juntos! Sinto-me orgulhosa com o resultado final, o nosso livro publicado!! Destaco a beleza das ilustrações!” **Joana Correia, 6ªC**

“Para mim, sentir que o nosso projeto foi realizado, ao fim de tanto trabalho e dedicação, é como um sonho tornado realidade!” **Catarina Aderneira, 6ªC**

“Este livro contém muito carinho e tempo. Valeu a pena!! O resultado é muito bom! Estou orgulhoso e satisfeito!” **Luis Araújo, 6ªC**

“Este livro foi marcante, para mim e para todas as pessoas que o realizaram!”

Diogo Mendes, 6ªC

“Foi fantástico trabalhar em equipa!”

Laura Guerra, 6ªC

“O processo de escrita foi muito divertido! Estou ansiosa por tê-lo em casa!” **Joana Baptista, 6ªC**

“Quando me apresentaram esta proposta, pensei, de imediato, que seria difícil concretizá-la. Não foi fácil, mas foi bastante desafiante! Fiquei maravilhada e muito agradada quando vi o livro terminado!”

Leonor Paim, 6ªC

“A combinação das ilustrações com o texto resultou muito bem! Com este projeto, aprendemos que se nos empenharmos somos capazes de tudo! Vou comprá-lo e orgulhar-me ainda mais!” **Catarina Marques, 6ªC**

“A sensação de folhear o livro que escrevemos foi inesquecível! Foi uma grande aventura!” **Margarida Lima Silva, 6ªC**

“Foi fantástico participar neste trabalho, em que para mim, a cor foi a personagem principal. Não foi só uma história com palavras, mas sim, um jogo de cores.” **Rita Vieira, 7ªD**

“Participar neste livro começou por ser, para mim, uma batalha pela qual lutei e me esforcei e no final acabou com uma vitória.” **Sofia Ferrão, 7ªD**

educar para a cultura e leitura

Entrevista com escritor David Machado

David Machado nasceu em Lisboa em 1978. É autor do romance *Índice Médio de Felicidade*, *O Fabuloso Teatro do Gigante* e do livro de contos *Histórias Possíveis*. Em 2005, o seu conto infantil *A Noite dos Animais Inventados* recebeu o Prémio Branquinho da Fonseca, da Fundação Calouste Gulbenkian e do jornal Expresso, e desde então publicou mais três contos para crianças, *Os Quatro Comandantes da Cama Voadora*, *Um Homem Verde num Buraco Muito Fundo* e *O Tubarão na Banheira*, distinguido com o Prémio Autor SPA/RTP 2010 de Melhor Livro Infante-Juvenil.

Recentemente estive no Colégio Valsassina para um encontro com os alunos do 10º ano, para apresentar o seu mais recente livro "*Índice médio de felicidade*". Procurámos conhecer um pouco mais sobre este escritor.



O que é para si ser escritor?

DM: Para mim, ser escritor é, sobretudo, ter oportunidade para pensar, para refletir sobre mim próprio, sobre o mundo, sobre a vida, e poder fazê-lo através de um meio do qual eu gosto muito, que são as histórias. Eu escrevo sobretudo histórias, narrativas. Portanto, eu faço essa reflexão, analiso o que vejo e depois tento transformar isso numa narrativa, que é uma coisa que me dá imenso prazer.

Qual o livro (ou livros) que mais o marcou como leitor e como escritor?

DM: É mesmo difícil dizer, porque há muitos. Há livros que eu acho que foram mais determinantes, sobretudo numa época mais recente, nos anos imediatamente anteriores a eu começar a escrever mais a sério. Há dois livros: um do Gabriel García Márquez, *O Amor Em Tempos de Cólera*, que é uma história de amor muito rica em termos de ambiente, personagens, situações, e que é passada num universo um pouco mágico da América do Sul, que é uma coisa que me atrai muito. E depois há outro livro, de um autor pouco traduzido em Portugal (e este não está traduzido), Mário Benedetti. Este livro fez-me abrir os olhos para as infinitas maneiras que nós temos de contar uma história.

Relacionado com uma situação do livro em que aparece a expressão "vamos todos parar ao buraco", o que é que a nossa geração pode fazer de diferente? Na sua opinião, por onde é que passa o futuro do nosso país e da nossa geração?

DM: Para sairmos desta situação de aperto em que estamos, eu acho que nós, enquanto povo, enquanto cidadãos, devíamos ser mais interventivos, devíamos ter mais grupos de intervenção cívica, devíamos estar mais organizados, devíamos apresentar mais soluções, também, porque não podemos estar à espera que nos façam as coisas, e isto até já começa a acontecer.

Em relação à vossa geração, para mim, o principal perigo é a internet que rouba espaço de pensamento às pessoas, ou seja, tudo é demasiado fácil. E ficamos sem espaço para coisas que, de facto, nos fazem pensar, que nos podem tornar melhores seres humanos e, ao mesmo tempo, ficamos viciados nessa rotina de irmos à internet, de andarmos a saltar de páginas e só ficarmos três minutos em cada sítio. Faz-nos falta ler artigos de jornal grandes com 6 ou 8 páginas, que já não há. Mas a internet tem muita coisa boa! O problema é que as coisas não estão filtradas. Há de tudo e ninguém nos diz o que é mais interessante. Então, eu espero que haja uma maior preocupação com a qualidade, não com a quantidade.

Normalmente direciona a sua escrita para um público mais jovem, o que é que o fez mudar o rumo e escrever estes romances?

DM: Sou muito mais conhecido pelos livros para crianças, porque são mais vendidos que os outros, mas a verdade é que comecei a escrever livros para um público mais infantil muito depois de ter começado a escrever romances. Salto bem entre estes dois géneros porque, para mim, interessa contar uma história. Quando estou a escrever um romance, penso num conjunto de temas e numa série de assuntos e na minha relação com os mesmos; quando estou a escrever para crianças, quero sobretudo pensar sobre mim próprio quando era criança, o que faz com que me conheça melhor hoje. Tento ver o mundo pelos olhos da criança que já fui.

Nos livros mais recentes, reparámos que o estilo de escrita é mais livre, desprendido por conceitos, não obedece a tantas convenções. Acha que é uma marca dos escritores da nova geração?

DM: O livro tem de ser verdadeiro e não real, isto é, o meu objetivo não é que o leitor leia o livro e pense que a realidade é desta maneira, quero que o leitor leia o livro e acredite na história. Quero convencer o leitor de que esta história é verdadeira, que o homem é verdadeiro, e eu acredito na história, acredito na existência deste homem. Por isso, as asneiras que eu escrevo nos livros surgem com um tom zangado, dificilmente eu podia não as ter escrito, a personagem perdia credibilidade, isto não quer dizer que agora eu vá sempre escrever com asneiras, que seja o meu estilo, mas nesta personagem tinha de acontecer.

O livro mencionava que Portugal tinha um índice de felicidade no valor de 5.7, um valor semelhante ao de um país africano muito pouco desenvolvido.

DM: Pois, quando olhamos para essa estatística, percebemos que o desenvolvimento é sobrevalorizado.

Sim, tanto que nesses países subdesenvolvidos, em particular o mencionado, que acredito ser o Djibouti, existem sérios problemas como fome.

DM: Qualquer dos países mencionados, entre eles a Roménia, Nigéria e outros, não são propriamente desenvolvidos. Mas eles relativizam as coisas, os problemas deles são diferentes dos nossos. Para nós, um problema seria deixar de ir duas vezes por semana comer fora, para nós, portugueses, isso é pior do que para alguém que viva num daqueles países ter que andar oito quilómetros para arranjar pão. Só que essas pessoas não conhecem outra realidade, não ambicionam muito mais que sobreviver. Nós ficamos desiludidos porque queremos mais e não conseguimos.

**Carolina Gonçalves¹, Inês Santos¹, César Sousa¹,
Diogo Azenha², Maria Carolina Gonçalves²**

¹Alunos do 10º1B (Curso de Ciências e Tecnologias)

²Alunos do 10º2 (Curso de Ciências Sócio-Económicas)

“... ter oportunidade para pensar, para refletir sobre mim próprio, sobre o mundo, sobre a vida...”



educar para a cultura e leitura

Entrevista com escritor Richard Zimler

No dia 27 de março de 2014, o escritor **Richard Zimler**, autor das obras *O Último Cabalista de Lisboa* e *A Sentinela*, visitou o Colégio para falar um pouco sobre si, a sua profissão e o seu percurso, numa sessão que contou com a participação dos alunos do 9º ano. No final deste encontro, houve uma pequena sessão de autógrafos, seguida de uma entrevista ao autor realizada pelas alunas **Cláudia Calado (9ºA)**, **Joana Grilo (9ºB)**, **Rita Miranda (9ºC)** e **Sofia Martins (9ºD)**.



“Há muitos mistérios no mundo e eu quero pensar sobre eles.”

De onde vem o seu interesse pela escrita?

Boa pergunta. Eu não sei. Sempre tive interesse pela escrita, sempre gostei de ler. Mas eu gostava de muita coisa: gostava de arte, de desporto, de matemática... Portanto, a parte mais difícil para mim era escolher entre as coisas de que gostava. E finalmente resolvi tentar a escrita. Resultou bem, penso eu, e continuei.

Houve algum autor ou algum livro que o tenha inspirado ou que o tenha marcado?

Sim, muitos livros. Mas eu diria que há um romance de um grande escritor americano, vencedor de um Nobel, que se chama William Faulkner, cujo título é *Luz em Agosto*, que me fascinou, porque nele o autor consegue manter a atenção do leitor sem truques óbvios. E fiz uma análise, eu próprio, da estrutura do romance, para compreender melhor como é que ele conseguiu manter a minha atenção. Por isso, esse livro foi muito importante para mim, que era um escritor principiante.

Quando quer escrever um novo livro, escreve mais para o leitor ou para se exprimir?

As duas coisas. É para me exprimir, porque há coisas que eu quero compreender sobre mim próprio. Há muitos mistérios no mundo e eu quero pensar sobre eles. Quero explorar as minhas próprias emoções, as minhas próprias experiências insólitas. Ao mesmo tempo, quero comunicar com o leitor. Existe uma ligação, pois de alguma forma quando escrevo estou a presumir que outra pessoa tem as mesmas perguntas e dúvidas que eu. Então, existe uma permuta de confiança, eu tenho de confiar no leitor, é isso.

Alguma vez pensou que haveria alguns aspetos do livro que nem todos os leitores compreenderiam?

Sim, sim. Sempre. Eu vou dizer uma coisa que é capaz de chocar. Eu não escrevo para todos os leitores. Eu não quero todos os leitores. Eu escrevo para pessoas sensíveis e inteligentes. Não estou interessado em pessoas estúpidas. Eu escrevo para pessoas que vão entender os problemas, os traumas, as alegrias das minhas personagens. Algumas pessoas não compreenderão, nem têm culpa, nem têm de compreender. Mas eu não vou diminuir a qualidade da minha escrita para conseguir mi-lhões de pessoas. Não me interessa.

Sente que é um desafio escrever romances históricos?

É, é um desafio especial porque nem sempre é fácil recriar a Lisboa de 1506, ou a Goa do século XVII. É algo que envolve muita pesquisa, mas eu gosto muito disso, porque eu adoro História, adoro tornar a História real. É uma questão de curiosidade. Eu quero saber como é que os romanos viviam em Portugal há dois mil anos, por exemplo. Acho que é uma curiosidade natural. E quando pesquiso e consigo os por menores, fico muito satisfeito. Nem sempre obtenho as respostas, mas fico sempre fascinado.

Já alguma vez escreveu alguma obra que não tenha chegado a acabar ou que não tenha sido publicada?

Sim, todos nós, escritores, o fazemos. Os primeiros esforços, os primeiros resultados, nem sempre são ótimos, por isso, meto aquilo numa gaveta e esqueço. Porque eu não vou publicar uma obra que não considere ser de muita qualidade.

Qual foi o livro, de entre os que publicou, cuja escrita foi mais desafiante?

Provavelmente dois, porque eram muito ambiciosos: *Meia Noite Ou O Princípio do Mundo*, cuja ação decorre no Porto e nos Estados Unidos no século dezanove, e *A Sétima Porta*, em Berlim, nos anos trinta. Dois projetos muito ambiciosos que envolvem muitas personagens diferentes. Histórias complexas. E quanto mais complexa a história, maior o desafio.

Houve algum livro que tenha tido de escrever para o qual não tenha encontrado toda a informação necessária?

Provavelmente sim. O Último Cabalista de Lisboa foi escrito antes da Internet, e conseguir livros não era fácil. Não me lembro, francamente, mas deve ter havido lapsos, lacunas. Por exemplo, eu queria saber qual era a culinária portuguesa do princípio do século dezassexto, o que é que as pessoas comiam. Não consegui um livro de culinária portuguesa desse período. Consegui um livro espanhol. Por isso presumi que a culinária espanhola da época não seria muito diferente da culinária portuguesa. Mas não tenho provas disso. Não consegui, se calhar não há. As pessoas não escreviam livros de culinária no século dezassexto. Não havia Jamie Oliver e essa gente toda.

Já sentiu que traduções só compreendiam o sentido literal de uma frase e não o que queria também dizer?

Já tive problemas com traduções. Isto é, quando faço uma revisão noto pequenos erros de nuances subtis em cinquenta frases diferentes. Então, reúno-me com o tradutor e conversamos e resolvemos todos os problemas. Às vezes o verbo pode ser demasiado forte ou demasiado fraco. O adjetivo demasiado dramático ou não suficientemente dramático. Há muitas maneiras de dizer a mesma coisa. Qual é a expressão perfeita para a tradução? É difícil.

Há algum tema sobre o qual mais goste de ler?

Com certeza que sim. Há muita coisa que eu não gosto de ler. Não vou ler nada sobre automóveis, por exemplo, não me interessa absolutamente nada. Eu gosto de ler História, gosto de ler Psicologia, eu gosto de quase tudo, desde que esteja bem escrito.

O que acharia se lesse os seus próprios livros como leitor e não como escritor?

É quase impossível responder a essa questão, porque teria de esquecer toda a minha identidade, mas posso dizer que, às vezes, quando leio um excerto de um livro meu fico extremamente satisfeito, penso “Uau, isto é melhor do que eu pensei!” Por outro lado, de vez em quando leio alguma coisa e penso “Hum... Acho que devia ter reescrito esta frase.” Acontecem os dois. Felizmente acontece mais eu ficar satisfeito.

Sente que há muita discriminação em Portugal?

Eu diria que ainda há pessoas com preconceitos, evidentemente. Há preconceitos contra mulheres. Há homens que ainda pensam que a mulher não é tão capaz. Contra a homosse-

xualidade... Este fenómeno de tentar referendar a coadção, por exemplo, acho-o perfeitamente lamentável, no mínimo. Não se podem referendar direitos civis, na minha opinião. Há discriminação contra pessoas de cor, mas eu diria que Portugal é muitíssimo melhor do que muitos outros países. Felizmente, é possível viver cá e não sofrer, por exemplo, com a violência, e há muitos outros países em que uma pessoa diferente vai ser alvo dela, e isso é terrível.

Se tivesse tido uma vida completamente diferente, os seus livros teriam sido diferentes? Ou poderia até não ser escritor?

Às vezes pergunto-me que escritor seria se tivesse permanecido nos Estados Unidos. E acho que sim. Se eu não tivesse vivido em Portugal, não poderia ter escrito *A Sentinela*, ou *O Último Cabalista de Lisboa*, ou *Meia Noite Ou O Princípio Do Mundo*. Teria escrito outra coisa. O que é interessante, porque quer dizer que a nossa identidade não é fixa, a identidade depende de muita coisa. Depende de tanta coisa que todos nós somos um produto de centenas de influências diferentes.

Se pudesse ter uma conversa com qualquer pessoa que quisesse: real, fictícia, viva, morta... Quem seria?

Ah, o Sherlock Holmes seria interessante! Os Beatles também tiveram uma influência muito grande sobre mim. Gostaria muito de falar com John Lennon ou com Paul McCartney. Com figuras históricas como Bach, o grande compositor alemão. E adorava conhecer alguns gregos antigos, não pessoas famosas, mas só para saber como é que eles viviam.

Se pudesse definir os portugueses numa frase...

Ui! Não poderia... Numa frase, é impossível. Porque eu, que estou aqui há vinte e quatro anos, conheço portugueses de todos os tipos. É impossível resumir, a única coisa que eu diria é que Portugal é a minha casa.

Que primeiras impressões teve de Portugal? Como se sente por cá?

O que me chamou mais a atenção foi que Portugal era um país incrivelmente isolado. As limitações impostas eram imensas. Conseguir um jornal internacional, ver um programa internacional, tudo isso era impensável. E isso perturbou-me muito. Por outro lado, era fascinante conhecer um país estrangeiro... Todos os dias eram uma aventura e um desafio para mim. Só falar português todos os dias, para mim, era um desafio. Agora que já me sinto integrado, estou completamente confortável cá, ainda que a minha maneira de pensar seja diferente. Inicialmente era difícil, mas agora já não. Mas todos os dias continuam a ser uma aventura, porque estou num país estrangeiro, embora o conheça muito bem. Falar português, por exemplo, continua a ser um desafio e uma aventura. E gosto disso.

Tem alguma palavra portuguesa preferida?

Lusco-fusco. É uma palavra bonita... E estranha...

educar para a escrita e criatividade

Eu vivo em Portugal
Porque é o melhor país do mundo.
Nunca leva nada a mal
E nunca foi ao fundo.

Há monumentos fantásticos
Que não são para esquecer,
Há restaurantes maravilhosos
Onde é aconselhável comer!

O doce rio Tejo
É bonito e grandioso,
o meu doce Portugal
É simplesmente fabuloso!

Há muito património
E campos verdes, verdinhos,
As cidades são maravilhosas
E existem muitos caminhos.

No norte, centro e sul
Existem feiras tradicionais,
Porque não ir até lá
Relembrar memórias nacionais?

Fernando Pessoa e Luís de Camões
Foram grandes poetas portugueses,
Mas eu acho que eles são
Os ídolos dos franceses.

Temos terras fabulosas,
Tais como o Alentejo.
A viagem até lá
Era o meu maior desejo.

Temos um clima de arrasar
E um sol abrasador,
Eu não gosto é do frio
Que me retira logo o calor.

Gosto muito de cantar fado
E algumas músicas portuguesas.
Vá lá, Portugal!
A nossas músicas são muito
melhores do que as inglesas!
Eu amo Portugal,

E se vós também amais,
Venha assistir a todos
Os jogos nacionais!

Catarina Ferreira 6ºB

Descrever Portugal

Mónia Silva Professora de Português

Os alunos foram desafiados a descreverem Portugal. Aqui estão alguns exemplos dos trabalhos realizados.

Meu doce Portugal,
tuas cores me iluminam.
Meu doce Portugal,
teus rios que patinam.

Meu doce Portugal,
tuas cores radiantes.
Meu doce Portugal,
com os teus olhos cintilantes.

Meu doce Portugal,
a simpatia já te conhece.
Meu doce Portugal,
ficas lindo quando anoitece.

Meu doce Portugal,
tua beleza contamina.
Meu doce Portugal,
teu céu me fascina.

Meu doce Portugal,
provocador de dia.
Meu doce Portugal,
só me dás alegria.

Meu doce Portugal,
tua comida saborosa.
Meu doce Portugal,
tua sardinha maravilhosa.

Meu doce Portugal,
tua calçada famosa.
Meu doce Portugal,
tua população numerosa.

Meu doce Portugal,
toda a gente te elogia,
Meu doce Portugal,
talvez seja pela tua magia.

Meu doce Portugal,
tuas praias paradisíacas.
Meu doce Portugal,
e suas cantigas.

Meu doce Portugal,
por ti eu faço tudo.
Meu doce Portugal,
tu és o meu mundo.

Madalena Sousa, 6ºB

É um País pequenino,
Com gente grande.
Tem prédios pequeninos,
Com fachada grande!

Fachadas brancas,
Amarelas ou rosas
Com flores nos jardins,
Principalmente com Rosas.

Tem uma grande
Praça do Comércio
Onde houve a revolução,
os cravos brilharam como a nação!

É um País pequenino
Com Gente grande,
com o desemprego a aumentar
E a revolução a chegar!

Com o dinheiro a acabar,
Prédios a demolir,
estradas com buracos
e prédios a ruir!

Tem escolas grandes,
brancas e rosas a fechar,
mas contra a crise vai lutar.

É um País pequenino,
com Gente grande.
Fomos os Senhores do mar
Noutras terras fomos atracar.

Os políticos querem dinheiro
e os filhos também!
O povo só quer emprego,
Não quer mandar em ninguém!

É um País pequenino
Que pela independência lutou,
e o nosso D. Afonso Henriques a
assegurou.

É um País pequenino
Que com Gente grande se formou!

Ricardo Conchinha 6ºB

Portugal, Portugal,
Gosto de viver aqui!
Portugal, Portugal,
O que eu faria sem ti?

Portugal, Portugal,
Gosto de todo o lado!
Portugal, Portugal,
Vais ser sempre amado.

Portugal, Portugal,
Novos são sempre bem-vindos!
Portugal, Portugal,
sempre bem acolhidos.

Portugal, Portugal,
Gosto das tuas festas.
Portugal, Portugal
São sempre honestas!

Portugal, Portugal,
A tua fruta é deliciosa!
Portugal, Portugal
Gente pobre e atenciosa.

Portugal, Portugal
Onde todos são bem-vindos,
Portugal, Portugal,
Sempre com muitos miminhos.

Portugal, Portugal,
As tuas roupas escandalosas,
Portugal, Portugal,
Para outros maravilhosas!

Portugal, Portugal,
O teu mar fresco e salgado,
Portugal, Portugal
O teu rosto sempre molhado!

Portugal, Portugal,
A tua praia tão bela,
Portugal, Portugal
Onde habitavam caravelas.

Portugal, Portugal,
Gosto de viver aqui,
Portugal, Portugal
O que eu faria sem ti?

Filipa Fragoso 6º A



A aldeia dos nomes

Era uma vez, numa terra distante, uma aldeia muito antiga, sem ruas. Tinha apenas pracetas, largos, rotundas, becos e travessas. Isto dificultava a vida na cidade e muitas vezes o correio de uma casa ia parar a outra casa do lado oposto da aldeia.

Essa aldeia tinha duas tradições que eram seguidas à risca: nunca poderia haver duas pessoas com o mesmo nome e sempre que alguém falecia, a primeira criança do mesmo sexo que nascesse a seguir, teria obrigatoriamente que ser registada com o nome da pessoa que tinha falecido.

Como a aldeia era antiga e nunca se introduziam novos nomes, as pessoas tinham nomes muito incomuns, como Asdrúbal, o responsável pela aldeia.

Também é verdade que nessa aldeia todas as pessoas viviam felizes e não havia inimizades entre elas.

Um dia, na aldeia, aconteceu que o Beco das Cinco Janelas estava mais escuro do que era habitual. A senhora Gertrudes, casada com Inocêncio Felizardo, tinha acabado de falecer. Gertrudes tinha sido uma mulher de grande dedicação aos seus quatro filhos, dos quais só Heliodoro, o mais novo, continuava a habitar a aldeia.

Como dizia a tradição, a próxima rapariga que nascesse naquela aldeia chamar-se-ia Gertrudes. E esse momento estava próximo, pois três semanas depois, Betina, uma das filhas de Asdrúbal, deu à luz duas gémeas iguais de cabelos dourados e olhos verdes. Uma das suas filhas chamou-se Gertrudes e a outra chamou-se Ana. Desde esse dia, a mãe de Betina, Zulmira, nunca mais a deixou em paz:

– Ana? – dizia – Onde é que já se viu esse nome? O que é que te passou pela cabeça? Não lhe poderias ter dado outro nome? Ermelinda, Florência, Marcelina, Teodora, havia tantos nomes bonitos para escolheres e logo foste escolher o nome Ana!

Mas Betina não ligou aos comentários que sempre foi ouvindo sobre o nome da filha e os aldeões lá se foram habituando.

Ana era despachada, extrovertida, brincalhona e simpática, por isso toda a gente gostava muito dela, tal como da irmã, que era responsável, arrumada e um pouca mais introvertida que a sua irmã gémea. Elas adoravam ajudar os adultos em todas as tarefas, principalmente nas colheitas e a tomar conta das lojas.

Mais tarde, já Ana adulta, ninguém achava o seu nome esquisito. Foi então que se modificou a tradição que passava a dizer que se uma pessoa falecia, a criança que nascesse a seguir só teria um nome igual ao da pessoa que tinha falecido se os pais quisessem.

Assim, a única coisa que continuava a fazer confusão aos aldeões era o facto de a sua aldeia estar organizada sem ruas.

Mariana Serra 7º A

Trabalho distinguido com o 1º lugar no concurso de Contos na categoria do 3º ciclo.

educar para a escrita e criatividade

Constante ausência

Todos os dias, de chapéu na cabeça e pasta na mão, António da Conceição Raiz saía, às oito horas, trinta e sete minutos e pouco mais que trinta segundos, do 3ºB do lote 7 da rua José Gilberto. Caminhava com passo constante, tentando manter o ritmo do ponteiro do seu relógio suíço, oferecido pelo seu pai no seu vigésimo primeiro aniversário. Quando se aproximava da porta do seu escritório, às oito horas e cinquenta e nove minutos, esfregava, alternadamente, os pés no tapete velho e poeirento, primeiro o direito, em seguida, o esquerdo e novamente o direito.

A sua profissão de contabilista era bastante monótona e constante, permitindo-lhe ler-tratar-arquivar exatamente quinze documentos antes das dez horas e quarenta minutos, hora a que se levantava da sua cadeira e, cumprimentando telegraficamente alguns dos colegas pelos quais passava, se dirigia para a máquina de café, servindo-se da quente bebida. Regressava prontamente ao trabalho, analisando mais catorze documentos antes de retomar o caminho para casa, onde almoçava.

Às treze horas, entrava no seu lar, onde, sentados à mesa, já o esperavam os seus três filhos e a sua mulher. Levava, pausadamente, cada garfada à boca, limpando-se com o seu guardanapo de pano a cada minuto, mesmo que, na cara, em vez da sua boca, tivesse o mais esterilizado dos materiais de hospital. Mal acabava de comer, levantava-se, lavava cuidadosamente as mãos e voltava a caminhar até trabalho, de onde, trinta e três documentos depois, regressava, chegando a casa às cinco horas e vinte e três minutos.

Sentava-se e reabria o jornal, que tinha começado a ler enquanto tomava o pequeno-almoço. Acabava de o ler precisamente no momento de jantar, quando o seu sublime relógio, assim lhe chamava, marcava sete horas e cinquenta e nove minutos. A relação de António com aquele instrumento era muito peculiar, podendo quase falar-se de uma semi-adoração. Veja-se que, quando o questionavam sobre recordações boas que tivesse do pai, a única coisa de que se lembrava era o facto de o pai lhe ter oferecido aquele relógio. Após o jantar e alguma conversa com a família, recolhia ao seu quarto e adormecia impreterivelmente com o toque das doze badaladas do sino da igreja.

E assim acontecia após cada nascer do sol, sobrando apenas como exceção os fins de semana e os dias festivos, também estes rigorosamente marcados na agenda do Sr. Raiz, e com rotinas próprias meticulosamente definidas. Quando questionado sobre o porquê daquele rigor e inflexibilidade, António respondia invariavelmente: “A vida é como uma corda bamba, e as rotinas, a pontualidade e a tradição são a única coisa que nos permite o equilíbrio”.

“Constante” – decerto que esta seria a melhor palavra para descrever António da Conceição Raiz. Nunca na sua vida se enervou; jamais passou uma noite mal dormida;

em nenhum momento chegou tarde a casa; em tempo algum não beijou a sua mulher antes de sair para o trabalho. Do Sr. Raiz nunca se podia esperar nem mais nem menos. Jamais faltaria em alguma coisa que pertencesse ao seu meticuloso esquema organizacional, porém, não era possível pedir que fizesse mais do que fazia. Todos os dias o mesmo, todos os meses o mesmo, todos os anos o mesmo, em qualquer situação o mesmo.

Todavia, com a passagem de múltiplas primaveras, e como qualquer boa organização, a rotina do Sr. António foi sofrendo algumas ligeiras modificações. Por exemplo, teve de se habituar ao facto de todos os seus filhos estarem longe e já não os poder cumprimentar todas as manhãs e todas as noites. Teve igualmente de adaptar os seus horários às rugas que lhe surgiam na cara e lhe atrasavam o passo. Enfim, nada que pequenos ajustes progressivos não resolvessem.

No entanto, a certo momento da vida do Sr. Raiz, novos ventos começaram a bater no 3ºB do lote 7 da rua José Gilberto e a corda da bamba da vida deste contabilista tornou-se extremamente instável e impossível de ser controlada nem com todas as rotinas do mundo. Numas das programadas conversas entre senhor e senhora Raiz, a mulher confessou uma dor que sentia no peito e que já a agoniava há algum tempo. António reagiu a estas alegações com várias perguntas próprias de quem está pre-ocupado, mas permaneceu no seu constante modo de ser constante e, após múltiplas questões e respostas e de um conselho para uma ida ao médico, Raiz deixou o mecanismo da sua vida funcionar e seguiu com a sagrada rotina.

Entrou no escritório e lançou-se ao trabalho, conseguindo despachar, no final do dia, a quantidade de quarenta documentos, um número agora habitual, já que o seu cabelo quase completamente branco lhe ofuscava a vista e permitia uma velocidade de leitura muito inferior à dos seus anos áureos. Regressou a casa e, à hora habitual, iniciou a sua refeição da noite. Porém, este jantar trazia um prato muito azedo que iria provocar no Sr. António Raiz uma reação inédita. Com a sobremesa, a mulher trazia-lhe o veredito do médico sobre a sua estranha dor. Com os olhos como cristalinos lagos, Sr^a. Raiz disse-lhe que a sua dor era, na verdade, um grave cancro maligno bastante desenvolvido. De súbito, António ficou petrificado e coberto de cal e excedeu em largos minutos o tempo estipulado para o jantar no seu impiedoso horário. Contudo, à precisa hora de recolher ao quarto e preparar o sono, descongelou e seguiu para a cama como se nada tivesse sabido ou ouvido, estando já em profundo sono ao toque da última badalada.

Na manhã seguinte, tudo como programado, definido e rotinado: levantou-se, tomou o pequeno-almoço enquanto lia as notícias do dia e, à hora própria, tomou o caminho para o trabalho. Passo a passo, seguindo o novo ritmo estipulado, chegou até ao cada vez mais velho e poeirento tapete do

seu gabinete de contabilidade. Todavia, antes de esfregar o pé direito, à hora certa, no certo tapete, todo o percurso de equilíbrio que tinha sido a vida de Raiz passou à frente dos cansados olhos, não mais com o invejável azul da sua juventude. Nesse momento, António, contrariando tudo a que tinha prestado culto durante toda a vida, virou costas à porta do edifício que tinha tido como templo durante toda a sua existência adulta e retomou o caminho de volta para casa.

Quando abriu a porta do seu 3ºB, não encontrou a idosa e agoniada mulher com quem tinha jantado no dia anterior, mas sim a bela jovem por quem se tinha apaixonado ainda em criança. Nesse instante, recordou também toda a sua livre infância, sem qualquer constrangimento de rotinas ou programas. Ali, constatou finalmente quão vazio tinha sido cada dia de toda a sua vida adulta e quão terrível tinha sido para aquela mulher, Adélia, o seu grande amor. Tudo o que tinha feito, as suas rotinas, a sua organização, fora, no entanto, com a melhor das intenções, a de proporcionar à sua família uma vida despreocupada e farta, algo que ele nunca tinha tido enquanto jovem. Porém, isto não era, para ele, naquele momento, desculpa para o horror que tinha provocado a quem mais amava, a sua família. Sempre fora uma presença ausente, o que deixara tremendas marcas tanto em Adélia, como nos seus filhos.

Regressado à realidade, correu para os braços do seu frágil e agoniado amor e prometeu entregar-lhe todos os minutos do resto da sua vida. Nesse momento, uma forte dor assombrou Adélia e, poucos instantes depois, abraçada a António caiu no sono eterno.

Miguel Bengala 10º18

Trabalho distinguido com o 1º lugar no concurso de Contos na categoria do Secundário.

Como quiserem chamar-lhes

Vocês sabem qual é o problema grande deste retângulo irregular e sinuoso a que chamamos Portugal? O nosso grande handicap são as pessoas que se referem ao décimo-terceiro número natural como “TREUZE”, a algo de tamanho reduzido como “PIQUENO” e a tal coisa entre a metade e o total como “QUAI-SE”. Isto, meus amigos, é o puro e demais evidente flagelo da nossa sociedade.

E refiro-me a tema tão absurdo e curioso pelo simples facto de existirem programas de domingo à tarde. E o que é isto de um programa de “domingo à tarde”? Nada mais nada menos do que o habitat natural de toda e qualquer pessoa que eu mencionei anteriormente e que brutaliza a nossa língua, indivíduos que colocam as mãos nas entranhas dos vocábulos, autênticos estripadores de tão belo idioma. E isto não seria um grave problema não se desse o facto de estes programas serem os mais vistos da televisão nacional, com mais “share” (palavra oriunda de um qualquer país inferior ao eloquente Portugal e que serve para designar audiência), mas retomando a estupenda fábula que estava a enunciar, portanto, encontrava-me eu em frente a um televisor, daqueles tipo folha de papel e onde o Fernando Mendes não cabe muito bem, sim esses, quando entra o “jingle” do programa “Somos Portugal” da TVI. Como deverão estar à espera, o meu cérebro entra em total discórdia, porque por um lado é sempre bom desfrutar do típico “tuga” a aclamar um qualquer cantor de música tradicional, ou pimba como eu gosto de chamar-lhe, mas por outro tais imagens revelam-se mais nocivas do que aqueles jogos que diziam exclusivamente: “+18” ou até mesmo os “Morangos com Açúcar”.

E acrescento mais, o problema não está só nas pessoas que maltratam a língua, está também naqueles que os deixam falar em público e transmitir os seus germes vocabulares a outros, principalmente aos petizes, a raça dos minúsculos seres, porque são estes minorcas que em vez de dizerem “carne” dizem “xixa” e em vez “ovo” dizem “tété”. Já imaginaram como é que seriam as ementas dos restaurantes se toda uma população assim se pronunciasse? Substituiriam o tão tradicional bitoque por “xixa com tété a cavalinho” e os tão apreciados ovos mexidos por “tétés revoltados”.

Cronicamente falando, e como o tema aqui retratado deveriam ser os media, sou forçado a encontrar um culpado para toda esta situação. A maioria da população diria o Governo ou até Pedro Passos Coelho, mas desta vez não (só desta, atenção). Os verdadeiros culpados são os órgãos de comunicação social que divulgam com tamanha insistência tais espécies de linguajar e que com isto estão a dizimar todo o bom senso de uma população que nunca o teve em demasia, mas que agora se vê com ele reduzido a zero. Portanto, faço aqui um apelo a todos os seres que ainda creem ter uma réstia, mesmo que bem lá no fundinho, de consciência e que “saibam ver as coisas” para que se revoltem contra tais espetáculos televisivos deprimentes e que exijam programas de qualidade, ou jogos do Benfica, como quiserem chamar-lhes.

Diogo Azenha 10º2. Texto publicado no blogue "Medialsassina.weebly.com" criado por ocasião dos "7 dias com os Media"



educar para a escrita e criatividade

Alimentar o mundo respeitando a Terra



Ano Internacional da
Agricultura Familiar
2014



Talhão do Valsassina inserido na Horta urbana do Vale de Chelas

Cinzentos era a única cor que Pedro conhecia, era a única cor que a sua cidade lhe dava a conhecer. Por detrás do vidro da janela do carro observava a vista habitual: os prédios cinzentos, as ruas cinzentas, os letreiros cinzentos e até as pessoas cinzentas. E tinha bastante tempo para não perder nenhum pormenor, já que a viagem até à escola demorava o que pareciam anos devido ao trânsito.

E foi precisamente por isso que, numa vulgar segunda-feira, reparou num idoso de chapéu de palha que estava a deitar água para um bocado de Terra. “Que estupidez” pensou Pedro, “o pobre do velho já não deve jogar com o baralho todo”. Mas a partir dessa segunda-feira lá apareceu o senhor todos os dias à mesma hora com o seu regador. Pedro começou a ficar intrigado e tal não foi o seu espanto quando, ao fim de algumas semanas a observá-lo, começou a emergir algo da terra, de uma cor nova, fantástica, algo tão bonito tão... cheio de vida! E não parou por aí! O velho continuou a sua obra e começou a espalhar essa cor ao longo de toda a estrada. Agora as viagens de Pedro já não eram tão monótonas e a vista era completamente diferente!

Decidiu pedir explicações aos seus pais e estes disseram-lhe que essa cor era o verde e que o que via eram plantas! As perguntas nunca mais pararam. Pedro ficou fascinado com as cores que apareciam dos tomates, das cenouras, das beterrabas e ainda ficou mais espantado quando descobriu que aquilo eram alimentos e que estes não apareciam como que por magia no supermercado! “O que o senhor faz chama-se agricultura” explicaram os pais. “É fantástico!” Exclamou Pedro. “O problema” continuaram os pais “é que para se fazerem grandes produções de alimentos têm de se usar químicos e isso deixa a terra muito poluída”. “Mas...” prosseguiu Pedro “Se toda a gente produzisse um bocadinho não era preciso poluir pois não?” Os pais responderam: “Penso que não, mas isso é difícil”.

A cabeça jovem do Pedro não acreditava em impossibilidades e decidiu expandir as suas ideias para a escola. Os professores investigaram o trabalho do velho e criaram também uma horta na escola. Depressa todos os alunos queriam ajudar e, além da escola, criaram hortas em casa. Os pais gostaram da ideia pois poupavam dinheiro, não tendo de comprar alimentos mais caros no supermercado, a comida era mais saudável e saborosa e divertiam as crianças. Como toda a gente o começou a fazer, alimentos começaram a sobrar e foram distribuídos pelos mais pobres.

Pedro concluiu que, com a ajuda do velho, tinha encontrado uma forma de alimentar o mundo, respeitando não só o solo, pois tudo era natural, como o planeta Terra em si, ou seja, havia mostrado às pessoas que, se todos contribuíssem um pouco havia suficiente para cada um e ainda para quem mais necessita criando um horizonte de um futuro promissor para a Terra.

Catarina Cortesão Correia 9ºD. Trabalho realizado na disciplina de Ciências Naturais sob a coordenação da Professora Marina Martins

educar para o futuro

O final de um ciclo...

“Chegado ao fim deste ciclo, é bom recordar as pessoas que eu conheci neste colégio, pois ajudaram-me nos momentos maus e fazem parte de todos os momentos bons.”

Boa noite, o meu nome é Diogo Pimentel e embora seja o presidente da Associação de Estudantes é apenas na qualidade de aluno que vos falo hoje.

Passei 13 anos neste colégio, ou seja, 74% da minha vida.

Como muitos sabem estou na área de Ciências.

Caso estivesse na área de Humanidades diria que passei aqui toda a minha vida, pelo menos a parte que me lembro...

Chegado ao fim deste ciclo, é bom recordar as pessoas que eu conheci neste colégio, pois ajudaram-me nos momentos maus e fazem parte de todos os momentos bons.

Professores, funcionários e claro está a “malta”, foram, e serão sempre parte de mim.

É, pois, com um misto de alguma tristeza e alegria que chego (chegamos todos) ao fim deste ciclo.

Tristeza porque parece que estamos prestes a perdermo-nos uns aos outros, alegria porque seja para onde for que a vida nos leve daqui para a frente estaremos sempre presente uns nos outros.

Continuaremos, estou certo, a encontrarmo-nos inclusive daqui a muitos anos e continuaremos a gozar uns com os outros e a recordar o que foi épico ou simplesmente... ridículo!

É claro que o momento alto foi e será sempre a viagem de finalistas, que sem outra descrição foi simplesmente, como costumamos dizer... “supacrazy”.

Mas também, o momento em que firmámos uns com os outros, laços, que aconteça o que acontecer não se vão quebrar.

É engraçada a vida ... nos primeiros anos deste colégio todas as quartas-feiras a minha mãe dava-me uns quantos escudos para ir ao bar comprar doces... e lembro-me que naquela altura ansiava pelo dia que as férias terminavam, hoje em dia anseio pelo dia em que começam.

No entanto, apesar dessa mudança algo se manteve: o Colégio Valsassina, os professores e funcionários, a todos, sem excepção o nosso obrigado pela infundável paciência e por terem sido sempre o nosso apoio.

Todos ajudaram a formar o nosso carácter. Tal como também ajudam a formar o nosso carácter os testes mais difíceis, como nos repete, de forma incansável, o nosso professor de matemática Luís Carvalho...

As últimas palavras são para os nossos pais. Desculpem as nossas imperfeições e obrigado por nos terem proporcionado estes espectaculares... 74% de vida.

Discurso apresentado no jantar de finalistas 2014.

Diogo Pimentel 12º1B. Presidente da Associação de Estudantes do Colégio Valsassina

educar para o futuro

Missa de finalistas 12º ano

Texto apresentado na ação de graças

“somos os verdadeiros donos do nosso futuro”

Alunos finalistas:

Hoje, 15 de Maio de 2014, é dia de celebrar e agradecer-Te, Senhor, a oportunidade de aqui estarmos juntos e de podermos partilhar este momento com todos aqueles que nos ajudaram a crescer desde o dia em que chegámos a esta casa. Por isso, vamos recordar o nosso percurso aqui, no Colégio Valsassina, por vezes difícil, mas sempre muito feliz.

Alguns de nós estão aqui no colégio desde a infantil. Todos relembramos com saudade as memórias do tempo que aqui passámos. A sesta, que tanto nos aborrecia, mas que era sempre tão bem aproveitada, e que se tornava o descanso dos professores e dos funcionários, na nossa terrível fase dos “porquês”. O correr no que, para nós, era um recreio enorme, infinito, onde esfolávamos os joelhos de tanto brincar no chão. Os encontros no túnel verde com os nossos amigos mais próximos, o escorrega que era um barco pirata cercado de crocodilos, ou uma cabana na floresta rodeada de monstros, era o nosso mundo, e nós fazíamos dele o que queríamos. O partilhar das canetas e lápis, que sempre criava intrigas, só acalmadas com um jogo de apanhada.

O primeiro grande desafio que encontramos foi o 1.º Ciclo: os novos cadernos e livros, novas aulas, novos professores. Logo surgiu o encontro com os números e as letras, que, ao longo do tempo, fomos dominando cada vez mais. São tantas as coisas que lembramos desta altura! A rivalidade entre as turmas, cada um defendendo as letras A, B e C com inacreditável orgulho! O dia da semana em que podíamos ir ao bar comprar um doce à nossa escolha, a preparação das festas dos dias da escola, os dias que íamos para a quinta com a Rosário, a Amélia, a Luísa e a Pilar e as inesquecíveis aventuras no Jardim da Estrela, um jardim proibido, que nos despertava ainda mais curiosidade de visitar.

Chegamos, então, a uma nova etapa: o 2.º ciclo. Podermos ir à quinta sempre que quiséssemos, dava-nos a sensação de que tínhamos conquistado uma liberdade que tanto desejávamos. Mas, de repente, tínhamos um número incontável de disciplinas, mais responsabilidades e professores mais exigentes. Mas para nos alegrar nos intervalos de tantas aulas, a Dona Ondina, que ao som da guitarra do Sr. Luís, sempre nos fazia cantar e dançar, até nos dias mais chuvosos do Inverno.

Alguns anos mais tarde, mais uma mudança de ciclo, mais uma mudança de pavilhão. Estávamos cada vez mais crescidos, mas nunca menos divertidos. Os recreios eram sempre ocupados por imensas actividades, muitos desportos, o futebol, o vólei, o basquete e o eterno “jogo da parede”. E foi assim que, num ápice, chegámos ao 9º ano, com uma grande decisão para tomar: que área escolher. Foram meses e meses de indecisão, cheios de emoção. Para alguns, o final do ciclo era também o desfecho da jornada no colégio. Para outros, alguns de nós, era só fim de mais uma etapa, que deixava grande curiosidade sobre aquela que começaria a seguir.

Há três anos começou a última e mais importante etapa da nossa vida no colégio: entrámos no secundário e, quase do dia para a noite, surgiram novos desafios, e finalmente a consciência de que nós somos os verdadeiros donos do nosso futuro. O trabalho aumentava a cada dia e a pressão para sermos



“... memórias que fazem da nossa passagem pelo Valsassina algo insubstituível e verdadeiramente marcante nas nossas vidas...”

melhores também. Com o apoio incondicional dos professores e funcionários, com a incrível simpatia do Sr. António, que com o seu amigável e inconfundível “Bom dia!”, nos alegra todos os dias, ultrapassamos cada dificuldade e desafios os nossos limites. Agora que chegamos ao “hoje”, agradecemos-Te, Pai, todas estas memórias que fazem da nossa passagem pelo Valsassina algo insubstituível e verdadeiramente marcante nas nossas vidas.

Representante dos pais:

Foi ao longo de todos estes momentos e etapas que confiamos, sem hesitação ou medos, o futuro dos nossos filhos a todos os que os acolheram nesta casa. A verdade é que foram eles, funcionários, professores, educadores, que nos ajudaram a criá-los, a ensiná-los a serem íntegros, cultos, generosos, trabalhadores e a prepará-los para o futuro que agora os aguarda. É com estas palavras que queremos agradecer-Te, Senhor, por teres cruzado as nossas vidas com as de todos os que fazem parte desta casa, queremos agradecer a oportunidade de poder dar aos nossos filhos um ambiente tão seguro, equilibrado, prolífero e feliz como o Colégio Valsassina para crescer.

Agradecemos-Te por todas as memórias que guardamos destes instantes que os nossos filhos aqui viveram: as primeiras letras que aprenderam, os pequenos presentes para a mãe e para o pai que criavam com as suas próprias mãos, a gratificação que sentiam e sentem sempre que o seu trabalho é recompensado, as amizades que aqui construíram e que aqui aprenderam a construir. A todos os que fizeram parte deste crescer dos nossos filhos, obrigado. Obrigado pela disponibilidade, paciência e atenção com que eles foram recebidos. E a Ti, Senhor, obrigado por podermos recordar todos estes momentos e todas estas pessoas com um sorriso.

Alunos finalistas:

Agradecemos-Te, Senhor, por nos teres acompanhado todos estes anos que passamos no Colégio Valsassina, por todas as oportunidades que aqui nos foram dadas. Agradecemos-Te por todos os professores que sempre contribuíram para que pudéssemos ser mais e melhores e nos ajudaram a construir um futuro próspero.

Agradecemos-Te por todos os funcionários que, todos os dias, ajudam a manter o Colégio da melhor forma possível para nós alunos. Agradecemos-Te pelos nossos pais, que de inúmeras formas investem para que possamos ter as melhores oportunidades.

Obrigado por tudo o que aprendemos nesta nossa casa, por todos os valores que levamos daqui para a nossa vida, pelo privilégio de estudar numa escola como esta. Agradecemos-Te por podermos relembrar a nossa passagem pelo Colégio com carinho e saudade, mas, acima de tudo, agradecemos-Te por podermos afirmar com orgulho que **Somos Valsassina**.

educar para as artes

“Importa ouvirmos os nossos filhos, respeitarmos os seus gostos e a sua maneira de ser...”

Artes... a opção natural...

Ana e Jorge Montalvão Pais de uma aluna do 12º área de Artes

O fim do ensino básico e a entrada no secundário causa sempre alguma ansiedade. É nesta altura que os alunos são informados e aconselhados sobre as várias opções de ensino que têm pela frente. Até que seja tomada a decisão da área a seguir. Mas nem todas estão na moda ...

Entre as quatro áreas existentes, nomeadamente Línguas e Humanidades, Ciências Sócio-Económicas, Artes Visuais e Ciências e Tecnologias, esta última é das mais escolhidas. Esta escolha porém nem sempre é feita por ser a área com as disciplinas preferidas dos alunos, mas porque existe a percepção que é a área mais abrangente e com mais saídas profissionais.

E como será certamente do conhecimento geral, a área de Artes Visuais é a menos escolhida, pois esta ainda é tida como uma área de precaridade no que respeita à empregabilidade e porque muitos pais acabam por influenciar a escolha dos seus próprios filhos.

Importa ouvirmos os nossos filhos, respeitarmos os seus gostos e a sua maneira de ser. Transmitir-lhes que a vocação e a aptidão são fundamentais, porque os irá permitir marcarmos a diferença e terem sucesso.

Todos temos consciência que o mercado de trabalho está cada vez mais imprevisível e que durante os anos que decorrem entre um filho entrar no secundário, acabar o secundário, concluir o curso universitário e começar a trabalhar, a realidade pode ter alterado.

As mudanças são tão rápidas que, quem diria por exemplo que no ano passado a média para entrar em Design de Comunicação na Faculdade de Belas Artes de Lisboa foi 17,6 valores, os mesmos que para entrar em Medicina, também em Lisboa?

Como pais de uma aluna na área de Artes, podemos dizer que a escolha da nossa filha Matilde foi natural. E a nossa decisão de a deixarmos seguir o seu caminho também. A vocação está nela. Artes para a Matilde significa trabalho, muito trabalho porque quem segue esta área tem que se dedicar de corpo e alma e trabalhar muito. E o Colégio Valsassina nesta área é um exemplo de profissionalismo e dedicação. Mas acima de tudo, Artes para a Matilde é realização. **E um aluno realizado é um aluno de sucesso.**



A parceria com um Museu e a participação num concurso

Grupo de Artes Visuais

Foi durante o processo de preparação das atividades a desenvolver para o ano letivo 2013/2014, que os professores de artes do Colégio decidiram abraçar um novo projeto. Projeto esse que consistia na participação da escola num concurso artístico que poderia proporcionar aos nossos alunos experiências e desafios um pouco diferentes.

Tendo sempre como referência as novas metas curriculares das diferentes disciplinas (do 2º ciclo ao secundário), estabeleceram-se atividades em parceria com a **Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves**, procurando aliar o conhecimento do património artístico e cultural com o desenvolvimento da expressão artística.

Após várias visitas ao Museu e análise das suas particularidades e obras, desenvolveram-se diversas atividades artísticas em sala de aula, desde a pintura a aguarela, colagem, recorte, alto relevo, vídeo, etc.

Ao longo de várias aulas os projetos foram ganhando forma e a proximidade e constante troca de experiências estabelecida entre escola e museu contribuiu para que os alunos compreendessem melhor a importância dos espaços artísticos e culturais, bem como a influência que estes podem ter no desenvolvimento e crescimento das nossas capacidades artísticas.

No final do processo artístico, e na impossibilidade de se poderem enviar todos os trabalhos realizados para participação em concurso, houve a necessidade de se selecionar entre as turmas aqueles que melhor as poderiam representar. E assim foi feito.

Os trabalhos foram inicialmente avaliados pela Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, e posteriormente enviados para o Palácio Nacional da Ajuda onde um júri composto por elementos ligados ao mundo das artes avaliou e decidiu os vencedores.

Os resultados foram divulgados pelo IGESPAR durante o mês de maio, sendo que os nossos alunos obtiveram excelentes resultados. Ao nível do 2º ciclo, o Colégio obteve um **Primeiro Lugar** e **9 Menções Honrosas**, num total de **13 prémios atribuídos**. Relativamente ao nível do Secundário, os trabalhos desenvolvidos pelos nossos alunos obtiveram **duas classificações de Primeiro Lugar** (na categoria de vídeo), num total de **7 prémios atribuídos**.

De referir ainda que este concurso decorreu a nível Nacional, sob a tutela do Ministério da Educação e da Secretaria de Estado da Cultura, envolvendo várias escolas e inúmeros alunos e professores, que certamente tiveram como principais objetivos a divulgação do nosso património artístico e cultural bem como o desenvolvimento da produção artística entre os mais jovens.

Entre os prémios a distribuir pelos vencedores (alunos e escola), salientam-se os diplomas de participação, livros sobre arte, material didático, passes de acesso gratuito a museus durante 2 anos (para alunos e familiares) e a fantástica oportunidade que os nossos alunos terão de ver os seus trabalhos expostos em diferentes museus de norte a sul do país, ao longo de vários meses.

Como tal, não podemos deixar de nos congratular com estes resultados, dando particular relevo ao grande trabalho que os nossos alunos desenvolveram e que agora é reconhecido. Parabéns a todos e que este tipo de iniciativas contribuam para que cada vez mais se crie um gosto pela observação, contemplação e produção artística.



Trabalho de alto relevo premiado com 1º Prémio



Alunos em visita ao Museu
Alunos a realizar um atelier de aguarela no Museu



educar para as artes

Projeto de Curtas-Metragens de animação – 12º4

Sofia Caranova Professora de Artes Visuais



Construção do storyboard

No decorrer do 1º e 2º período, os **alunos do 12º ano de artes visuais** abordaram na disciplina de Matérias e Tecnologias, a temática do cinema de animação. O desafio proposto teve como objetivo, a participação em dois projetos distintos. A participação no projeto Fábrica de Histórias, apoiado pela editora Cabeçudos, bem como a participação no concurso escolar – A minha Escola adota um museu.

No **projeto multidisciplinar Fábrica de História**, o objetivo final é o da edição e comercialização de um livro. **A história foi escrita pelos alunos do 6º ano, foi ilustrada pelos alunos do 7º ano e a animação ficou a cargo da turma do 12º4.**

Os alunos do secundário tiveram a possibilidade de colaborar com um monitor, técnico de cinema de animação, que orientou conjuntamente com a professora da disciplina o processo de realização do filme.

Paralelamente os alunos desenvolveram e produziram duas curtas-metragens de animação, com o propósito de participar no concurso escolar – A minha escola adota um museu. O projeto iniciou-se no 1º período, com uma visita de estudo à Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, onde os alunos escolheram do vasto espólio do museu, um conjunto de obras que serviram de referência para a realização dos filmes de animação.

Em ambos os projetos os alunos criaram o guião, o *storyboard*, desenharam personagens cenários, recorreram à fotografia, à técnica de recorte e montagem e por fim a edição das imagens, através da técnica de animação *Stop Motion*.

Os alunos puderam constatar, a importância no cinema de animação, da construção de um guião, de um storyboard, onde são criados desenhos muito simplificados que representam os enquadramentos, os ângulos pretendidos para cada sequência de planos. Igualmente ficou evidente para eles o movimento, da luz, dos planos de vista, da montagem e edição do filme.

Todo o trabalho dos alunos foi feito com muito empenho e sobretudo imaginação, criando uma dinâmica e partilha de ideias em aula muito enriquecedora para todos.

Os alunos ganharam com as duas curtas-metragens o Prémio Ex-aequo, entregue no passado dia 29 de maio, no concurso "A minha escola adota um museu, um palácio, um monumento".



Desenho das personagens e cenários



Recorte das personagens e cenários



Montagem das personagens e acessórios



Fase de captação de fotografias,
cenários e personagens



Fase de captação e edição de imagens

educar para a partilha e para a família

Manhãs abertas nos 5 anos

Educadoras de Infância das turmas dos 5 anos

Em Maio os pais dos alunos das salas de 5 anos tiveram a oportunidade de viverem uma manhã, no colégio com os seus filhos.

Na sala 5 A desenvolveu-se uma atividade ligada à consciência fonológica – divisão silábica das palavras, identificação da 1ª sílaba e relação com outras palavras.

Na sala 5 B realizou-se uma atividade de matemática utilizando o material calculadores multibásicos – jogo da torre.

Na sala 5 C realizou-se uma atividade de matemática utilizando o material cuisenaire – jogo dos comboios (estação verde escura).

Nas três salas os pais assistiram também a uma aula de educação musical e de filosofia para crianças.

Apreciação dos pais

- Foi uma manhã muito divertida e importante quer para os filhos quer para os pais.
- Gostámos de ver como os filhos se relacionam com amigos, na sala e no recreio e com os professores.
- Devem repetir estes eventos pois são importantes para as famílias.
- Foi uma experiência doce e inesquecível (porque eles crescem muito depressa e o tempo não volta para trás).
- Absolutamente gratificante assistir a tudo isto e regressar ao trabalho com o conforto e segurança de que a vivência escolar do meu filho é fundamental para o seu bem-estar, desenvolvimento de competências e formação enquanto pessoa.
- Muito gratificante poder assistir à vida escolar do meu filho ainda para mais quando se consegue perceber a felicidade com que ele a vive e partilha com o pai.
- Todas as professoras estão de parabéns por estarem a ajudar na felicidade e preparação do futuro das nossas crianças.



Apreciação dos alunos

Gostei que os pais viessem à escola. **Manuel Varandas 5 A**

Gostei de ter o pai e a mãe na escola para me ajudarem nos trabalhos. **Marta Ribeiro 5 A**

Gostei de aprender com a mãe e gostei das partidas da Cila. **Leonor Santana 5 A**



Gostei de estar com a minha avó e de lhe ensinar umas coisas.

Francisco Albuquerque 5B

Gostei muito! Gostei de tudo! Gostei que os pais estivessem cá! Este dia 19 foi bom!

Alexandre Guerra 5B

Gostei de ter cá o pai porque gosto quando ele está comigo.

Rita 5B

Gostei muito de ver a mãe a fazer a música, foi a primeira de todas. Gostei muito de fazer a matemática com a mãe e de fazer a dança.

Francisca Pinheiro 5C



Gostei muito da aula aberta. Queria que fosse outra vez. Gostei muito de estar com o pai e a mãe na aula da Ana e na música.

Vasco Leitão 5C

O meu pai gostou muito de vir cá. Às vezes ele não tem tempo porque está sempre a ir para o trabalho. Ele adorou vir cá e diz que vamos treinar em casa a pedra que estamos a fazer para eu ter boa nota. Adorei que o pai viesse cá. Foi uma grande surpresa e muito boa!

Marta Monteiro 5C



educar para a adoção de comportamentos empreendedores

Mãos à obra: vamos criar a nossa empresa

Carla Caldeira, Pedro Alpuim, Pedro Miranda. Professores do 3º ano do 1º ciclo



O empreendedorismo tem vindo, progressivamente, a alcançar um lugar crescente no debate público. Num tempo em que o crescimento económico é fundamental, urge a mudança de mentalidade face ao modo como obtemos, ao longo da vida, financiamento para as necessidades do quotidiano ou para projetos pessoais. Há que ultrapassar preconceitos relacionados com o risco e estar atendo ao mundo que nos rodeia. É da observação do que as pessoas precisam e procuram e ainda não encontram disponível ou acessível no meio em que se movimentam, que podem resultar ideias e oportunidades de negócio, tendencialmente inovadoras e, desejavelmente, rentáveis.

A educação das gerações mais novas é sempre uma via privilegiada de promoção da mudança de atitudes a longo prazo. Daí que o Colégio Valsassina tenha aderido pelo segundo ano consecutivo ao projeto “Ateliers Empreender Criança”, estabelecendo um protocolo com a Associação Industrial Portuguesa / Câmara do Comércio e Indústria que concebeu este projeto.

Ao longo destes ateliers os alunos do 3º ano foram assimilando conceitos e etapas relacionados com a criação e gestão de uma empresa (ideia de negócio, formação, apoio especializado, plano de negócio, matérias primas, mercado alvo, marketing, gastos, lucro, ...) e desenvolvendo e aperfeiçoando um leque de capacidades importantes para se ser empresário (iniciativa, criatividade, autoconfiança, responsabilidade, organização, liderança, trabalho em equipa, ...). Estas aprendizagens foram sendo feitas com base nos materiais disponibilizados (histórias, storytelling’s, jogos, ...), mas também através do desenvolvimento de projetos em pequenos grupos.

Porque a capacidade de comunicação em público e de sistematização da informação também é importante, os alunos apresentaram no final do ano à comunidade escolar os dezasseis produtos ou serviços que conceberam, dando conta do processo de desenvolvimento da sua ideia de negócio.

Numa fase em que o projeto se aproxima do final, vejamos de que forma alguns alunos do 3º ano apreenderam alguns conceitos básicos do empreendedorismo. Verificámos que, apesar de algumas ideias ainda estarem um pouco confusas, outras parecem já bem claras.

P. O que é para ti ser empreendedor?

Leonor Aires – É tentar construir uma empresa. É ter uma ideia de uma coisa que não exista ou que seja diferente do que já existe e ganhar dinheiro com isso.

Zheng Rong – É construir ou inventar uma coisa diferente dos outros.

Lourenço Morais – Empreendedor é quem cria a empresa e cria o seu negócio e depois pede a algumas pessoas para ajudarem no seu negócio, para assim o produto ter mais sucesso.

Simão Silva – É uma pessoa que tem ideias e trabalha para ter dinheiro.

Guilherme Moreira – Ser empreendedor é criar uma empresa que depois vai ter um produto e o criador dessa empresa vai tentar que o seu produto seja muito conhecido e muito vendido.

Madalena Filipe – Ser empreendedor é inventar algo de novo e dar a conhecer às pessoas. É criar qualquer coisa que as pessoas fiquem admiradas e queiram perceber melhor o que é e queiram comprar.

P. Há algumas características que um empreendedor deve ter?

Simão Silva – Tem que ter jeito para o negócio, para convencer as pessoas a comprarem o produto.

Guilherme Moreira – Tem que ter ideias, vontade de trabalhar. E para trabalhar com as pessoas da sua empresa tem que ser simpático, tem que ser exigente e tem que as obrigar a trabalhar.

Lourenço Morais – Ser trabalhador. Pensar sempre positivo. Pensar numa ideia inovadora. Ser inovador. Ser inteligente para saber como é que tem que organizar a empresa e o trabalho dos seus trabalhadores. Também tem que conseguir mandar, porque se não conseguir eles podem fazer coisas que não são precisas e não fazer o trabalho que era mesmo necessário.

P. A partir do momento em que se tem uma ideia de negócio, quais são os passos mais importantes para desenvolver essa ideia?

Leonor Aires – Temos que arranjar uma equipa para nos ajudar, para trabalhar. Depois fazer publicidade para as pessoas irem ver e conhecer esse produto. Temos que pensar num preço para as pessoas poderem comprar e esse preço tem que estar ao nível da coisa que nós inventámos. Não pode ser muito caro porque se não as pessoas não compram, nem muito barato porque assim não ganhamos dinheiro nenhum e só pagamos as coisas que comprámos para fazer o nosso produto.

Zheng Rong – É preciso ir comprar os materiais que precisamos para construir o produto, montar e ver se é mesmo possível construir essa coisa. Se for impossível tenho que ir pensar noutra coisa. Depois faço algumas dessas coisas para ver se vendem bem. Se se venderem bem então posso fazer muitas. Mas antes de vender temos que pensar no preço: vemos o dinheiro que gastámos para fazer o produto e o preço tem que chegar para pagar as coisas que gastámos. E é preciso ganhar algum dinheiro para mim, se não eu só estava a gastar e ficava com o mesmo dinheiro que tinha no início. Assim não valia a pena ter trabalho.

Simão Silva – Primeiro precisamos de ter informações sobre o produto que vamos criar e como vamos fazê-lo. Depois compramos as matérias-primas e criamos o produto, construímos aquilo que era a nossa ideia, um protótipo. Depois podemos mostrar aos clientes e fazer um questionário para saber se gostam ou se queriam de uma forma ou de outra, para melhorar o produto. Também temos que arranjar uma equipa para fazer publicidade. Depois fabricamos muitos e vendemos.

Guilherme Moreira – Depois de ter uma ideia de negócio, o empresário precisa ver se precisamos de formação. Depois arranja as matérias-primas, os recursos humanos (são as pessoas que lá trabalham) e um local para trabalhar. Tem que registar a marca, dar a conhecer às pessoas o produto (pelo marketing ou publicidade, que é a mesma coisa). E depois é vendê-lo: ele tem que fazer contas para saber quais são as despesas, depois pensar qual é o preço a que vai e o produto para poder ter algum lucro.

P. Achas que quando fores mais velho poderás vir a ser um empresário?

Guilherme Moreira – Eu acho que não vou ser, mas se fosse tinha que ter jeito para aquilo que fosse fazer, tinha que ter uma equipa que não fosse preguiçosa, que soubesse negociar, tivesse jeito para fabricar o produto e concordar com algumas ideias minhas.

Leonor Aires – Quando for grande pode ser que vá ser empresária. Se calhar podia fazer doces, a minha mãe faz com uma amiga. A minha mãe pode ensinar-me, pode fazer-me a formação, e depois eu já sei fazer sozinha. Mas para ser empresária tenho que ser criativa, ter ideias boas e eu ainda não sei se tenho.

Lourenço Morais – Eu não sei se criar novas bandas é ser empresário, mas eu queria criar uma banda nova.

Na sequência destas questões a conversa foi avançando e, a certa altura, quando se tentava identificar diferentes tipos de negócio, eis que surge uma perspetiva de empresa um pouco diferente.

P. (...) O nosso colégio é uma empresa?

Madalena Filipe – É uma empresa porque ensina os alunos e ganha dinheiro a ensinar os alunos. O negócio do colégio é ensinar aos alunos e ganhar dinheiro com isso. Há vários negócios possíveis: há negócios que não são para ganhar dinheiro, são só para ajudar pessoas, não ganham dinheiro. Na nossa turma há uma empresa que é mais ou menos uma livraria: as pessoas que vão lá dão-lhes algo, como um livro, um cd, e na empresa podem trocar por outro cd ou outro livro.

P. Então eles têm um negócio ou não?

Lourenço Morais – Eles têm o negócio de trocas.

P. Qual foi a ideia nova deles?

Lourenço Morais – Foi fazer trocas: se uma pessoa já ouviu muitas vezes um cd ou se já leu um livro, pode ir à loja deles e trocar.

P. E há algum benefício para os “clientes”?

Madalena Filipe – Sim, ficam com outro livro e outra música nova sem gastar dinheiro.

Lourenço Morais – Se eles trocarem um livro ou um cd que era mais barato do que aquele que vão trazer em troca, é bom para eles porque não têm que gastar aquele dinheiro a mais.

P. E para os colegas que têm essa empresa de trocas?

Lourenço Morais – Sim, eles ajudam as pessoas a trocarem.

P. Mas ganham dinheiro com isso?

Madalena Filipe – Não... mas ajudam as pessoas, também é bom.

P. Mas ainda não percebi bem se uma empresa é o mesmo que um negócio.

Madalena Filipe – Uma empresa é um grupo de pessoas que com o dinheiro do negócio têm que o dividir pelas pessoas que trabalham na empresa. O negócio é o que se faz numa empresa, o produto que é feito na empresa, aquilo que dá o dinheiro. O dinheiro tem que dar para as pessoas que lá trabalham e para o empresário.

P. Então isso é o lucro?

Lourenço Morais – Mais ou menos, está aí uma parte. O lucro é o dinheiro que o empresário ganha nas vendas ...

Madalena Filipe – Não é bem assim. Para mim o lucro é quando eu gasto dinheiro a fazer uma coisa mas quando vendo essa coisa ponho um bocadinho mais caro para sobrar algum dinheiro depois de vender o produto e depois de pagar as despesas todas.



educar... A Ordem das Dezenas (parte II)

Carlos Pereira dos Santos Centro de Estruturas Lineares e Combinatórias – Universidade de Lisboa. Colégio de São Tomás

Nota: A primeira parte deste artigo foi publicada na Edição nº55 da Gazeta Valsassina, em Abril de 2014.

Referências Bibliográficas

- [1] Berman, J. (2011). A five minute assessment of place value. Australian Primary Mathematics Classroom, Vol. 16, Nº 4, 24–28.
- [2] Broadbent, A. (2004). Understanding place-value: A case study of the base ten game. Australian Primary Mathematics Classroom, Vol. 9, Nº 4, 45–46.
- [3] Bruner, J. (1960). The process of education. Cambridge: Harvard University Press.
- [4] Dehaene, S. (1997). The number sense. New York: Oxford University Press.
- [5] Har Y., Tan W. (2008). Earlybird kindergarten mathematics (Standard Edition) Textbook A. Singapura: Marshall Cavendish Education.
- [6] Har Y., Tan W. (2008). Earlybird kindergarten mathematics (Standard Edition) Textbook B. Singapura: Marshall Cavendish Education.
- [7] Hong K. (1981). Primary mathematics textbook 1A. American Edition: Curriculum Planning & Development Division Ministry of Education of Singapore, published by Times Media Private Limited.
- [8] Hong K. (1981). Primary mathematics textbook 1B. American Edition: Curriculum Planning & Development Division Ministry of Education of Singapore, published by Times Media Private Limited.
- [9] Irons, J. (2002). Number representations that assist children to succeed in mathematics. Queensland University of Technology.
- [10] Miura, T., Okamoto, Y., Chungsoon K., Stere M., Fayol M. (1993). First graders' cognitive representation of number and understanding of place value: Cross-national comparisons — France, Japan, Korea, Sweden, and the United States. Journal of Education Psychology Nº 85, 2430.
- [11] Thompson, I. (1995). The role of counting in the idiosyncratic mental calculation algorithms of young children. European Early Childhood Education Research Journal, Vol. 3, Nº 1, 5–16.

Internet

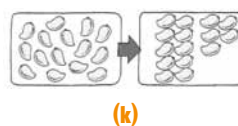
- [12] www.cuisenaire.co.uk (Cuisenaire Company)
- [13] <http://www.youtube.com/watch?v=JrMty8v2DqI> (Mathematics at Your Fingertips – 1961 NFB Full Video)
- [14] <http://news.bbc.co.uk/2/hi/science/nature/975360.stm> (BBC–Lascaux)

Atividades

Uma atividade muito prática para trabalhar o conceito de ordem numérica é a atividade Separa 10.



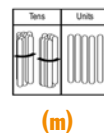
Tipicamente a criança pinta 10 objetos (no caso de (j), ovos para colocar na caixa) e depois diz o número (olhando para a dezena composta e para as unidades soltas que sobraram). Este tipo de atividade também pode ser feito com objetos. É perfeitamente possível começar a trabalhar desta forma com crianças de 5 anos utilizando números entre 10 e 20.



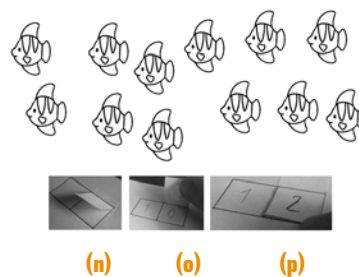
Em [1] aconselha-se a utilização de blocos (o clássico material dourado é muito apropriado) para fazer o mesmo tipo de coisa.



Em [2] é analisado o Base Ten Game que consiste em lançar alguns dados, contar as pintas e arrumar em conformidade paus de gelado numa tabela. Não se podem colocar mais do que 9 paus de gelado numa coluna. Sempre que isso acontece, têm de ser presos com um elástico (mais uma vez o ato de compor).



As atividades podem ser construídas com abordagens concretas e abstratas em simultâneo. Eis mais um exemplo:



Tenha a criança a olhar para a imagem dos peixes. Peça-lhe que conte 10 peixes (em voz alta e apontando ao mesmo tempo). A criança deverá ser convidada a pintar 10 peixes de vermelho. Convide a criança a escrever o numeral correspondente (10) na quadrícula previamente preparada (m). A criança deverá fazer essa tarefa com uma caneta de cor vermelha. O objetivo é obter a figura (m). Repita que temos 10 peixes pintados de vermelho, apontando com o dedo. Depois, pergunte quantos peixes não foram pintados, pedindo-lhe novamente para que os conte em voz alta. Deverá pintar esses peixes de azul. Peça à criança para que escreva o numeral (2) na quadrícula sobreposta (o). A criança deverá fazer essa tarefa com uma caneta de cor azul. Peça à criança para que conte em voz alta todos os peixes (12). No final, ensine a criança, dizendo que temos 12 peixes, dez vermelhos e dois azuis. Repita «É isso que é doze, dez mais dois.». Quando diz «Dez mais dois.», faça o movimento de sobreposição do numeral 2 sobre o numeral 0. A criança deverá ficar com a percepção clara que o «1» do «12» é o «1» do «10».

Também se podem utilizar as clássicas barras Cuisenaire para trabalhar este tema [12,13]. O educador vai colocando a barra laranja (10) ao lado das outras como se ilustra em (q). À medida que faz isso, vai perguntando o número que está representado. Por exemplo, a laranja ao lado da branca é o número 11 (10+1). O educador pode ir saltitando ao longo da escada.



(q)

Relação com adição e subtração

A partir de certa altura (5-6 anos), deverão ser propostas tarefas de decomposição. Com o objetivo de introduzir o tema, observe-se a imagem (r) retirada de [6] com atividades para o pré-escolar (5 anos).



(r)

Esta é uma atividade clássica de decomposição utilizada nos métodos orientais. São apresentadas à criança uma imagem e uma decomposição representada através de um esquema todo-partes (*number bond*). A criança tem de fazer um trabalho “detetivesco” e explicar “onde vê” a decomposição na imagem. No caso concreto, algo do género “Estavam 5 animais na relva. 2 eram leões e 3 eram

leões.”. Este tipo de atividade é executado em grandes doses com crianças de 5 e 6 anos. O todo escolhido deve ser inferior ou igual a 10. Pretende-se que as crianças interiorizem as decomposições aditivas em duas parcelas dos números da primeira dezena.

A pergunta que se impõe relaciona-se com a importância desta memorização. Qualquer pessoa habituada à matemática pode intuir facilmente a razão. Usando um argumento mais técnico, que podemos encontrar por exemplo em [11], as crianças (e os adultos!) poderão usar o conhecimento sobre as decomposições para executar cálculos mais sofisticados. Imagine-se o cálculo mental $7+8$. O número 8 está a precisar de 2 para compor a dezena. Uma vez que 7 se pode partir em 2 e 5, o resultado do cálculo é igual a 15. Utilizou-se uma decomposição do 7. Veja-se a bonita imagem (s) respeitante a esta ideia retirada de um livro de Singapura [7].



(s)

Repare-se que não houve contagem continuada (contagem pelos dedos). Este método dá elevada importância à memorização das decomposições aditivas da primeira dezena e incentiva a sua utilização para fazer “pontes” compondo a dezena mais próxima. Observe-se que decompor não é o mesmo que adicionar. Se se partir das partes (2 e 5) para tentar obter o todo, estamos de facto a adicionar. O que acontece no exemplo exposto é o oposto, parte-se do todo (7) e separa-se de forma conveniente (2 e 5) para que se possa compor a dezena. Uma boa memorização das decomposições da primeira dezena auxilia obviamente as adições. Trata-se na prática de incentivar a composição da dezena para compreender o total. A compreensão do conceito de ordem numérica é absolutamente imprescindível para este tipo de esquema mental. E não é só nas adições. Quanto às subtrações passa-se exatamente o mesmo. Por exemplo, para subtrair 4 de 12, pode ser feita uma “ponte” na dezena: uma vez que doze é composto por uma dezena e duas unidades, após conveniente separação do quatro, pode retirar-se primeiro dois obtendo a dezena e depois novamente dois obtendo oito (t). Este tipo de esquema aplica-se a uma infinidade de situações. Perceba-se bem o tão próximo que está este esquema mental da atividade anteriormente descrita Se para 10.



(t)

educar para a sustentabilidade

Condomínio da Terra Entrevista ao jurista e investigador Paulo Magalhães



Paulo Magalhães é jurista e investigador Cesnova/FCSH/Univ.Nova de Lisboa, onde também é doutorando em Ecologia Humana. Em 1984 foi um dos membros fundadores da QUERCUS, onde atualmente coordena os Projetos Condomínio da Terra, Ecosaldo, Floresta Comum e GreenCork. Do seu percurso como de ativista e professor de direito do ambiente, resultou uma clara percepção da necessidade de existir uma inovação conceptual do sistema legal internacional, para ser possível existir uma resposta a questões como as alterações climáticas ou a preservação do sistema natural de suporte da vida no nosso planeta. Em 2007, publica "O Condomínio da Terra: das Alterações Climáticas a uma Nova Conceção Jurídica do Planeta" onde se propõe uma gestão da Casa Comum da Humanidade baseada na experiência jurídica da propriedade condominial.

No dia 30 de abril **Paulo Magalhães** esteve no Valsassina para apresentar uma comunicação no TED^x.

Marta Zambujal (MZ): Como surgiu esta ideia do condomínio da Terra?

Paulo Magalhães (PM): Surgiu de um problema do meu condomínio, devido a umas janelas dos vizinhos da frente, as quais me disseram que teria de pagar. Eu tentei não pagar, estudando, como jurista, a situação, para evitar pagar umas janelas que, como estavam nos vizinhos da frente, achava que teriam de ser eles a pagar, e não eu. Quando fui estudar o assunto, percebi que aquelas janelas não eram deles, eram minhas, e que se não estivessem cuidadas, os danos não eram só para eles, eram para todos, para todo o prédio. Isto é, se as janelas não estivessem cuidadas e houvesse infiltrações, essas infiltrações seriam para todos, destruiriam o que é comum. Portanto, o condomínio é isto, tem partes dentro mesmo de cada apartamento, que são individuais e que são comuns. Há paredes, há estruturas, que são comuns, e depois há muito pouca coisa que é individual. Isto levou-me a perceber toda esta dinâmica da interdependência entre o comum e o individual e qual é a forma de organizar esta tensão entre o interesse privado e o interesse comum. Nessa altura, passava-se cá em Portugal, não sei se se lembram, em 2002, a questão do Prestige, um petroleiro grego se afundou na costa da Galiza. Os espanhóis tentaram passar o navio para o lado português, ao que nós respondemos com a nossa marinha. Quer dizer, é este surrealismo jurídico, abstrato, de pensar que, ao tirar empurrar o navio para o lado de lá linha, a poluição deixava de ir para os dois lados. Portanto, temos de perceber que existem aqui partes comuns, e tal como num condomínio, se misturam com as partes privadas. O segredo é definir o que é o comum e criar um sistema de contributos de cada um para esse interesse colectivo, bem como alguém que seja responsável pela gestão do comum. Desta forma, o condomínio da Terra surge precisamente de um conflito de vizinhança, de um potencial conflito de vizinhança, que não se chegou a dar, porque, entretanto, eu percebi que havia ali um interesse comum superior a um interesse individual, para o qual eu podia contribuir.

Mariana Almeida (MA): Em que consiste o condomínio da Terra?

PM: É organizar a vizinhança global. O condomínio da Terra é a aplicação de um sistema que já está experimentado, pelo nosso prédio, que transporta o modelo para a casa comum da Humanidade, a Terra. O segredo é, precisamente, definir o que é o bem comum a nível global e, qual é o sistema terrestre que nos une a todos, que engloba o que está dentro e fora dos estados, tudo ao mesmo tempo, e que tem de ser gerido de forma comum.

Sofia Hemrage (SH): O que é e como é que se pode definir o que é alvo de propriedade individual e o que não pode ser juridicamente divisível?

PM: Dentro do sistema terrestre nós não conseguimos, por exemplo, dividir a área do oceano. No entanto, já o fizemos, até porque Portugal tem duzentas milhas marítimas. A qualidade do oceano, as correntes marítimas, as condições bioquímicas permitem o funcionamento dos oceanos, mas, além de permitirem tal funcionamento, permitem também o do sistema terrestre. Isto é, há um determinado bem, que é um estado do sistema terrestre, e que é, também, comum a toda a humanidade. Esta é a questão, e por isso, requer um tipo de contabilidade do que é que cada um causa ao sistema terrestre, para que seja possível um acordo, na medida de organizarmos o uso deste bem. Nós herdámos o sistema terrestre num determinado estado, e de cada vez que o usamos, mal ou bem, por exemplo, ao termos subsídios ambientais, estamos a tratar de um estado patrimonial que é aquilo que vamos deixar à próxima geração. Estes são interesses tanto individuais como coletivos, e estão misturados duplamente e, neste momento, o que é necessário, é a organização destes interesses.

MZ: Então a preservação das partes comuns do planeta como a atmosfera, a hidrosfera e a biodiversidade não estão a ser devidamente asseguradas pela legislação e pelas instituições?

PM: Essa parte da atmosfera, da hidrosfera e da biodiversidade já evoluiu para isto do sistema terrestre. A atmosfera, em si, tem várias dimensões, tem a dimensão de espaço, por exemplo, onde se insere o espaço aéreo dos estados. Este espaço, apesar de ser individual, tem também a sua parte comum. E, portanto, em termos do que é comum, o conceito é o património intangível da Humanidade, é o estado do sistema terrestre. O planeta, ao longo dos seus 4,6 milhões de anos, já teve vários estados deste sistema terrestre, sempre diferentes. O que é o comum a todos é um determinado estado do sistema terrestre, que é uma estrutura bioquímica. Este é o estado do sistema terrestre que nós queremos candidatar a património da Humanidade. Já não é a atmosfera ou hidrosfera, esses eram os conceitos iniciais de quando se andava à procura do que era comum para a Humanidade. De certa forma, toda a gente tem a percepção de que há aqui alguma coisa comum, mas não o planeta. E não é o planeta porque o planeta tem juridicamente os espaços dos estados que são soberanos. Estas áreas da soberania dos estados são importantes de não confundir com o sistema. A individualização do sistema é que é o passo fundamental para organizar tudo isto, é o novo património, o património natural intangível, que é uma coisa que ainda não existe.

MA: Como se pode viabilizar a aplicação de um conceito de vizinhança jurídica, ambiental, económica e global?

PM: Com base no conceito do património natural intangível do sistema terrestre, pode-se fazer um sistema de contabilidade de inputs, de danos ou benefícios que fazemos ao sistema terrestre. A partir de cada um dos estados, e com base nestes danos ou benefícios, tem de se atribuir um valor. Isto é, eu tenho ecossistemas, tenho uma floresta, que presta benefícios que são usufruídos por toda a Humanidade a uma escala global, todos nós, na Europa, Ásia ou África, usufruímos, por exemplo, das florestas que estão na Amazônia. Há uma infraestrutura ecológica que provoca benefícios no sistema terrestre dos quais toda a Humanidade usufrui, da mesma forma que muitas as cidades do mundo também provocam danos a nível global. A única forma de juntar tudo isto, respondendo à pergunta, é conseguirmos criar indicadores dos danos ou benefícios que cada um provoca, num sistema de contabilidade, onde, por cada unidade de benefícios que cada um provoca no sistema terrestre, tem de ser compensado com x, e por aquilo que usa tem de pagar outro x. Assim estamos a unir o equilíbrio ecológico com a economia. Hoje em dia, as coisas que mais valor têm, não têm preço. Não entram na economia porque juridicamente não existem. A minha floresta só entra no meu PIB quando eu a corto. No entanto, as florestas, como toda a gente reconhece, valem muito mais vivas do que em madeira, só que eu não consigo transformar esse valor em economia, em dinheiro, neste momento. Só se poderá fazer isso através de algo global, que capture juridicamente os benefícios que são feitos no sistema terrestre. Já há economia de intangíveis,

quando falamos de direitos de autor, por exemplo, não estamos a falar do livro, estamos a falar da ideia, e a economia já conseguiu capturar isso. Agora, isto dos serviços ambientais é que ainda não conseguiu. Portanto, é o casamento disto tudo que está aqui em causa.

SH: Cada vez mais se fala na necessidade de se orientar o mundo segundo uma economia verde, por exemplo de acordo com o sistema do eco-saldo. Em que é consiste este sistema?

PM: Consiste precisamente neste saldo entre positivo e negativo, com uma base de justiça e equidade para todos que estão na mesa de um acordo. Nós hoje, nas mesas de negociações, não temos quanto é que cada um faz de positivo para a manutenção do sistema terrestre, e por isso é que os ecossistemas em recuperação do positivo não existem economicamente. Portanto, o eco-saldo é a inclusão do positivo e do negativo, com uma condição de justiça e equidade, isto é, de sermos justos entre todos, para sabermos qual é, realmente, o impacto de cada um no sistema terrestre.

MZ: A nossa postura quanto consumidores compulsivos continua a ser um risco para a saúde do planeta ou está a ser controlada?

PM: É sempre um risco, quer dizer, têm de haver coisas que nós temos de reconhecer e valorizar mais do que os consumos materiais. Nós temos de ser capazes de construir uma economia de intangíveis naturais, que consegue produzir florestas e ecossistemas, que consegue produzir serviços ambientais, que têm que valer mais do que todos os bens os materiais, pois são os que garantem a nossa existência. Se uma economia serve para sustentar uma população humana, e para adquirir o melhor nível de felicidade, a melhor herança que podemos deixar às próximas gerações não são iPods nem iPads, é um planeta capaz de albergar, em termos de recursos naturais e de equilíbrio climático, as próximas gerações.

MA: Como os serviços que a biodiversidade do planeta não obedecem a fronteiras e todos dependemos deles, acha que é possível aplicarmos-lhe um valor?

PM: Vai ter de ser, mais pelos estudos da economia do seu valor. Vai ter de ser um acordo entre todos do quanto poderá ser esse valor, um valor convencionado.

MA: E acha que deveriam ser considerados uma actividade económica?

PM: Têm de ser. Se não, quem vai estar a investir enquanto os outros continuam a poluir? Vai ter de ser essa economia do intangível natural.

SH: Gostaria de deixar alguma mensagem aos jovens tendo em conta um futuro sustentável?

PM: Têm nas mãos, não só vocês, porque nós até temos mais responsabilidade do que vocês, o maior desafio da Humanidade ao longo de toda a sua história. É, de longe, o maior desafio que a Humanidade já teve. **É um desafio de sobrevivência.**

Mariana Almeida, Marta Zambujal, Sofia Hemrage 10¹A

educar para a ciência e o empreendedorismo

Do crescer ao empreender... com ciência

Um percurso cheio de desafios.

Rita Monteiro Antiga aluna. Está a concluir o 1º ano do curso de Ciências Biomédicas

Rita Monteiro e Beatriz Quiaios estudaram 15 anos no Colégio Valsassina. Saíram apenas para ingressar no Ensino Superior. Ao longo dos anos foram crescendo, a nível pessoal e académico. Foram inúmeros os desafios e projetos em que estiveram envolvidas. Aquando da sua passagem para o 10º ano escolheram o Curso de Ciências e Tecnologias. A partir de então os desafios eram maiores assim como o nível de exigência. Durante o 12º ano, no ano letivo 2012/13, desenvolveram um projeto de investigação que consistiu na criação de um “Creme de Bacteriófagos”. Da ideia passaram à prática. A inovação, espírito empreendedor e qualidade do trabalho mereceu uma distinção na Mostra Nacional de Ciência 2013 (um 3º prémio) e a seleção para representar Portugal por duas ocasiões: em janeiro deste ano estiveram na Suíça no “Swiss Talent Forum”; e em Maio, na Intel ISEF – Feira Internacional de Ciência e Engenharia 2014, que se realizou em Los Angeles, Califórnia.

Por tudo isto, procurámos recolher testemunhos que ilustrem não só o percurso realizado por estas duas alunas, mas também pela relação que demonstraram entre Ciência e Empreendedorismo.



Ao longo do meu percurso escolar pelo Valsassina, fui confrontada, várias vezes, com projetos que encarei como desafios. O facto de nos envolvermos com tais desafios, muitas vezes extracurriculares, fez-me sentir envolvida na sociedade, isto é, não estava só a participar em atividades escolares, estava, ainda, a pensar “para fora da escola”. Estes projetos foram fundamentais para que, no presente e no futuro, me sinta capaz para concorrer a qualquer iniciativa de interesse.

De todos os desafios, o que mais me marcou, foi, sem dúvida, o projeto “Creme de bacteriófagos”. Não só por nos dar a oportunidade única de viajar até aos EUA e à Suíça em representação de Portugal (um verdadeiro privilégio), mas, acima de tudo, porque a conquista se baseou em todo o esforço e trabalho que eu e a Beatriz tivemos. Depois de tanta luta, de tanto ceticismo em relação ao nosso trabalho, premiarem-nos de tal forma, é das melhores sensações que se pode ter, é a sensação da vitória. Esta ideia do creme surgiu num contexto um pouco estranho, mas engraçado. Ao lavar as mãos, pensei “se este sabonete tivesse bacteriófagos, seria muito mais fácil eliminar as bactérias”. Uma coisa levou à outra, liguei à Beatriz, que parou na rua, à chuva, só para me ouvir. Achou uma boa ideia e, a partir daí, fomos desenvolvendo o conceito.

Passar da teórica à prática foi das coisas mais difíceis que fizemos. Mandámos e-mails para todas as instituições que encontrámos (inclusive para o Brasil!), fomos criticadas por vezes (era uma ideia que parecia desinteressante para alguns), recebemos muitos “Nãos”. Felizmente, no Instituto Superior Técnico encontrámos o Dr. Ricardo que viu as potencialidades da nossa ideia e nos ajudou.

No que diz respeito ao Valsassina, sinto que sempre me deu todas as ferramentas e oportunidades para crescer e desenvolver habilidades importantes para o meu sucesso. Penso que não teria chegado tão longe em outro lugar... De momento estou a tirar a licenciatura em ciências biomédicas, esperando seguir investigação. Sinto-me preparada para qualquer desafio do ensino superior, deram-me as bases para seguir o sucesso, agora é a minha vez de correr atrás do mesmo.

15 anos no Valsassina

Elisabete Pereira e Samuel Monteiro Pais da Ana Rita Monteiro

A Rita foi aluna do colégio desde os 3 anos de idade. Durante todo o seu percurso escolar, fomos notando uma forte apetência para as artes e, indiscutivelmente, um maior interesse pelas atividades práticas e projetos. Sempre que lhe era apresentado um desafio, a Rita abraçava-o apaixonadamente e tentava superar as expectativas.

A sua opção pelas ciências ocorreu na transição para o ensino secundário, embora mantivesse a sua paixão pelas artes. Durante o ensino secundário, foi acentuando a sua motivação pela disciplina de biologia.

O desafio colocado no 12º ano para a criação de uma ideia/projeto que pudesse ser seleccionado para Mostra Nacional de Ciência, provocou na Rita uma inquietação extraordinária. Em grupo, com a Beatriz Quiaios, tiveram a ideia do Creme de Bacteriófagos, precisavam de um laboratório para desenvolver o projeto, foi uma árdua batalha que travaram! Contactaram vários laboratórios, pediram apoio a várias pessoas e resistiram vitoriosamente a vários Nãos!

A Rita nunca desistiu. Acreditou sempre que o Projeto tinha futuro e que poderiam alcançar um prémio na Mostra Nacional de Ciências de 2013. Assim foi!

A Rita está hoje a estudar na Universidade do Algarve no curso de ciências biomédicas. Está a adorar!

Nós, estamos cheios de saudades dela! Mas felizes por sentirmos que a Rita está devidamente dotada da preparação escolar, resiliência e motivação que lhe permitirão continuar a lutar pelos seus sonhos.”

Ao longo do ano letivo os alunos do 12º ano foram desafiados a desenvolver um projeto que lhes permitisse desenvolver competências várias necessárias para entrada no mercado do trabalho e/ou para ingresso em Instituições de Ensino Superior de elevada exigência. Alguns dos projetos desenvol-

vidos permitiram aliar o empreendedorismo e a investigação científica. Nesta, os projetos assumiram um caráter interdisciplinar, tendo sido necessário estudar e aplicar conhecimentos de Biologia, Física e Química.

Apresentamos dois exemplos desses projetos.

Microbial fuel cell: Produção e estudo da eficiência de uma Microbial fuel cell no tratamento de águas residuais

Os elevados custos das ETARs (Estações de Tratamento de Águas Residuais) são, embora pouco mencionados, um grande encargo financeiro. O desenvolvimento de processos de decomposição de matéria orgânica alternativos, como as MFCs (microbial fuel cells), poderá apresentar uma solução para este problema. Em MFCs, bactérias eletroativas oxidam matéria orgânica transferindo eletrões que viajam através de um circuito elétrico para aceitadores de eletrões externos, produzindo corrente elétrica. Para testar a eficiência da decomposição da matéria orgânica pelas bactérias contidas na MFC recorreu-se ao estudo da carência química de oxigénio e à medição da diferença de potencial do circuito. Com este processo é possível monitorizar a quantidade de matéria orgânica na água residual da célula e a voltagem da corrente elétrica ao longo do tempo, o que nos permite calcular a quantidade de matéria removida pelas bactérias.

Este método poderá substituir ou funcionar em paralelo à fase de tratamento secundário da água, utilizado atualmente nas ETARs. Esta fase do tratamento envolve a decomposição de matéria orgânica por microrganismos em meio aeróbio, o que requer um fornecimento constante de oxigénio para um tanque de aeração. Ao substituir este processo aeróbio por uma MFC com bactérias em meio anaeróbio é possível reduzir os custos do processo na ordem dos milhares de euros anualmente e, ao mesmo tempo, produzir energia elétrica em pequena escala.

Carolina Fonseca, Diogo Oliveira, Pedro Leal 12º1A



Produção de um agregado polimérico de celulose e sua aplicação no fabrico de copos isoladores térmicos e de “six-pack rings” (anéis de transporte)

O principal objetivo deste projeto é a produção de dois objetos que presentemente têm como matéria-prima recursos não-renováveis (“six-pack rings” e copos térmicos), utilizando materiais que os tornem mais sustentáveis. Decidiu-se criar um agregado de celulose com poliuretanos. Os plásticos têm como principal característica a longa duração e como há utensílios que não precisam de durar muito tempo, este agregado de celulose pode solucionar este problema.

Numa primeira fase, construiu-se o molde para os “six-pack rings” com barro e obteve-se a celulose através da trituração de folhas secas. Numa segunda fase, procedeu-se à preparação de agregados de celulose ligados com poliuretano. Os reagentes utilizados foram pré-polímero de poliisocianato, poliol (celulose), agentes de expansão (água celular), catalisadores e agente tensioativo. Foi utilizado o método “One Shot”, que consiste na junção de todos os reagentes num só recipiente e sua mistura homogénea. Nesse recipiente ocorre uma reação química (a reação de polimerização) que liberta dióxido de carbono que actua depois como agente de expansão. Na reação obtém-se os poliuretanos com o auxílio de catalisadores numa segunda fase ocorre o seu crescimento físico sob a forma de uma espuma expansível. Considera-se que a espuma produzida para criar estes objetos é sustentável dado que é passível de ser reciclada. Este método é, portanto, mais vantajoso em termos ambientais do que o atual, visto que não usa inteiramente recursos não renováveis. Adicionalmente, a utilização desta espuma como matéria-prima não compromete a eficácia da função dos objetos produzidos.

Ana Catarina Pauleta, Mariana Isabel Monteiro, Maria Leonor Cetra 12º1A



educar para a ciência

Sciencecalifragilistic

Pensamento Crítico e Ciência: uma viagem pelo Método Científico

Catarina Ramos Coordenadora do Projeto. Fundação Champalimaud.



O projeto Sciencecalifragilistic envolveu, no ano letivo 2013/14, 12 alunos de quatro escolas diferentes, 4 professores e vários investigadores do Champalimaud Neuroscience Programme. Champalimaud Centre for the Unknown.



Sessão de apresentação de posters durante o Simpósio final (17/5/2014)

Mas o que é isto do Sciencecalifragilistic? Nada como perguntar a quem idealizou este projeto, um grupo de investigadores do Programa de Neurociências da Fundação Champalimaud, em Lisboa.

O Sciencecalifragilistic surgiu da determinação partilhada por este conjunto de investigadores em promover o pensamento crítico, a curiosidade, a criatividade e a vontade de questionar, especialmente junto dos mais jovens. Assim, ao longo de cerca de 5 meses, investigadores, professores e alunos do ensino secundário são guiados pelas diferentes fases do método científico, desde a formulação de questões e hipóteses, às respostas e conclusões, passando pela recolha, análise e discussão de resultados nos laboratórios do Champalimaud Centre for the Unknown.

Os três alunos do Colégio Valsassina que fizeram parte da 2ª edição deste projeto juntaram-se a três laboratórios especialmente criados para este projeto. O **João Brito** fez parte do Lab de Discriminação Auditiva em Humanos onde explorou de que forma conseguimos detetar a origem espacial de um som, ao mesmo tempo que procurou perceber quais os fatores que influenciam a localização auditiva. A **Mariana Carrasco** juntou-se ao Lab de Aprendizagem onde utilizou a mosca da fruta como modelo para estudar aprendizagem associativa por condicionamento e observação. A investigação da **Catarina Soeiro** também foi desenvolvida em mosca da fruta, mas no Lab de Sinais Químicos e Comportamento Inato. Neste caso o grupo procurou perceber o papel do CO2 no comportamento deste modelo animal.

Depois de mais uma edição do Sciencecalifragilistic, esperamos que os alunos tenham levado bem mais do que os resultados obtidos ou do que as conclusões tiradas. Esperamos que levem também a experiência, o processo, de certo modo, a viagem propriamente dita.

O Sciencecalifragilistic é um projeto Escolher Ciência, financiado pela Ciência Viva – Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica e apoiado pela Fundação Champalimaud.

Website – <http://www.neuro.fchampalimaud.org/en/education/outreach/>

Videos – <https://www.youtube.com/channel/UCFzluTKNQRbcixUr5kGu-w>.

É descobrires que podes arriscar perguntar, questionar, criar, brincar, pensar. Descobrires que falhar não é um erro, é uma oportunidade, porque os caminhos novos não vêm nos manuais. **Rodrigo Abril Abreu**

É sobre procura e descoberta; aprender a questionar e a analisar. E a valorizar o processo, que muitas vezes é esquecido em detrimento dos resultados. **Ana Pereira**

É uma travessia pelo desconhecido, de olhos curiosos e atentos, pensamento livre e desperto, e peito aberto às perguntas e ao erro. Uma travessia para perguntar, explorar, desbravar, criar, errar, compreender, pensar, partilhar e desfrutar.

Maria Inês Vicente

É um caminho por desvendar. Um percurso que todos os cientistas fazem diariamente e que é aqui vivido por um grupo de jovens. **Elsa Abranches**

Imagina que podias aprender fazendo ciência, inventando tu próprio a experiência, “mastigando” tu próprio os resultados. Isso é o Sciencecalifragilistic. **Pedro Ferreira**

Estimular a curiosidade? Questionar o que nos é dito? Aprender fazendo, e sem ter medo de errar? Através de um salto ao vertiginoso no mundo da ciência? Sim, o Sciencecalifragilistic é tudo isto (e com muita diversão). **Mafalda Vicente**



Laboratório de Sinais Químicos e Comportamento Inato

Amália Santana¹, Catarina Soeiro²

¹Escola Secundária da Portela, ²Colégio Valsassina (10^oIA)

A nível biológico, a molécula de CO₂ é muito importante, dado que é usada como sinal olfativo pelos mais variados insetos. No entanto, a mosca *Drosophila melanogaster* demonstra comportamentos divergentes aquando da presença deste gás. Uma vez stressadas, estas moscas libertam um odor de stress, cujo componente principal é o CO₂, que as repele e as “avisa” do perigo. Já a fruta atrai as moscas, quando liberta CO₂ proveniente da sua fermentação. Assim, na tentativa de perceber qual o papel do gás referido anteriormente nestes comportamentos aparentemente opostos, foi necessário recorrer a experiências, nas quais foram testadas moscas mutantes e *wild-type* perante fontes atrativas de CO₂ (banana).

Audição em Humanos. Estudo da influência de um estímulo visual na localização do som

João Brito¹ e Mariana Morais²

¹Colégio Valsassina (10^oIA); ²Escola Secundária da Portela

De uma forma geral, a localização de um som é feita pela diferença de chegada do som a cada um dos ouvidos, medida em milissegundos. Quanto mais pequena for a diferença, mais difícil é para o sujeito detectar a origem do som. No entanto sabemos que o sistema auditivo interage com outras modalidades sensoriais, pelo que neste trabalho se estudou a interação entre o sistema auditivo e o visual.

Procurou-se desenvolver um estudo de modo a encontrar resposta para a questão: “Qual é a influência de um estímulo visual na localização do som”.

Aprendizagem em moscas da fruta (*Drosophila melanogaster*): As mosquinhas da fruta vão à escola

Beatriz Oliveira¹, Mariana Carrasco²

¹Escola Básica e Secundária Francisco Simões, ²Colégio Valsassina (10^oIA)

Utilizando a mosca da fruta (*Drosophila melanogaster*) como material de trabalho, procurou-se desenvolver um estudo sobre aprendizagem.

O objetivo principal é responder à pergunta: “Será que as moscas aprendem?” Para dar resposta a esta questão foi necessário realizar treinos e testes com as moscas. Em particular, foi necessário realizar testes de preferência de cor, isto é, tentámos descobrir se as moscas preferiam uma luz azul em detrimento de uma verde, ou vice-versa. Associámos a luz azul a um estímulo atrativo para estas moscas, neste caso, a banana. Depois de várias repetições do treino, as moscas foram expostas apenas à luz utilizada para testarmos se tinham aprendido a associar a luz ao estímulo.

educar para o ambiente



Fotografia de um geneta capturado com uma armadilha fotográfica.

Agradecimentos: Este trabalho não teria sido possível de se realizar sem o apoio e disponibilidade da Cascais Ambiente, em particular da **Dra Sara Saraiva**.

Geneta: um animal selvagem que até ao século IX desempenhava o papel de animal doméstico

Alunos do Colégio Valsassina estão a desenvolver um estudo que pretende monitorizar a população da maníferos carnívoros no Pisão de Cima, na Serra de Sintra. Recorrendo a armadilhas fotográficas, um dos animais identificados foi uma Geneta (*Genetta genetta*). É um carnívoro de médio porte que prefere áreas de cobertura vegetal densa, bosques fechados e zonas rochosas, geralmente próximos de pontos de água. Possui hábitos crepusculares ou noturnos. É predador omnívoro. Alimenta-se preferencialmente de roedores (ratos-do-campo), mas consome também répteis, frutos e insetos.

Até ao século IX, altura em que o gato foi trazido do Egipto para a Europa, a geneta era utilizada como animal doméstico nas casas europeias, tendo um papel importante no controlo dos roedores. Hoje, vive em estado selvagem e desempenha um papel essencial para o equilíbrio dos ecossistemas onde se encontra, contribuindo para o controlo de algumas espécies de ratos e de insetos. Embora tenha um estatuto de conservação Pouco Preocupante, a geneta está incluída no anexo III da convenção de Berna. A sua proteção é essencial para o equilíbrio dos ecossistemas.

Duarte Cardoso 10º1B, Mariana Dias 10º1B, João Rosa 10º1A

Projeto procura salvar da extinção o Miosótis-das-Praias em Cascais

Omphalodes kuzinskyanae ou Miosótis-das-Praias é uma espécie da família *Boraginaceae* e endémica lusitana que apenas se encontra no Parque Natural Sintra-Cascais, apresentando um elevado risco de entrar em vias de extinção. Sendo uma planta anual de pequenas dimensões, germina de Novembro a meados de Fevereiro, a sua floração ocorre geralmente de Março e possui flores branco-azuladas. *Omphalodes kuzinskyanae* é uma espécie inofensiva e herbácea (raramente alcança mais de um palmo de altura). O seu período de vida é relativamente curto, terminando em Junho.

Esta espécie desenvolve-se em solos porosos e arenosos, com carbonatos, como é o caso do Abano. Segundo Irene Correia, Engenheira da Agência Cascais Ambiente, o miosótis-das-praias é uma planta com populações flutuantes, isto é, o número de indivíduos varia muito de ano para ano devido à ação do homem, mas também às condições meteorológicas e a alterações das características dos solos, às quais é muito sensível.

A Agência Cascais Ambiente está a desenvolver um projeto que visa a proteção e conservação desta espécie. Ao longo dos meses de janeiro e fevereiro decorreram ações de plantação de indivíduos jovens. Estes foram desenvolvidas em estufa a partir de sementes recolhidas no habitat natural desta espécie em março e abril de 2013. Alunos do Colégio Valsassina acompanharam esta ação e estão a desenvolver um estudo que pretende estudar as novas populações e o eventual alargamento da área de distribuição da *Omphalodes kuzinskyanae*.

É uma espécie rara, quer no número de indivíduos, quer na distribuição geográfica, como também nos habitats onde vive. É por isso que todos os esforços são importantes para a conservação desta espécie.

António Carvalho, Sofia Hemrage, Mariana Moreira 10º1A



educar para o multilinguismo

My book review: The Hobbit by J.R.R Tolkien

The Hobbit was written by J.R.R Tolkien. I find this book very inspiring. It is a pioneer in fantasy and it's a root of what would become the world of Middle-Earth, made famous in Peter Jackson's films The Lord of the Rings.

It is about a hobbit named Bilbo Baggins, who lives in a quiet village named The Shire, minding no business but his own. Bilbo Baggins was living a happy and respectable life, never doing anything unexpected. One day he meets a wizard, a very wise one, called Gandalf the Grey, who invites Bilbo to go on an adventure, in order to help a party of dwarves, led by the mighty Thorin Oakenshield. They are determined to go to Erebor, the land of the Lonely Mountain, to recover their homeland, reclaim their heirloom and defeat the fire breathing dragon Smaug, the one that brought misery and defeat to the dwarves. Bilbo finds it very disturbing but he ends up being convinced by Gandalf, and, throughout the journey, he proves his courage and proves that it isn't great the great deeds of courage and arrogance that save this world, but rather small and honest acts of kindness and love, that keep evil at bay.

Like every work of art, this book is a reflection of its time and of the living of its author. Tolkien was born in Bloemfontein, South Africa, in the late 19th century. His father passed away when he was still an infant, but not before he had what he quoted as a "life changing experience". He was playing in his garden and a spider bit him. After that he developed a phobia of spiders. Spiders portray villains and servants of evil in all his works.

What I find wonderful about this classic is that the author shows that no matter how or where you are from, you can change the world, by being yourself and being good. That's why I vividly recommend the reading of this fantastic novel.

Henrique Bugalho 9ºA



An ocean of plastic

Accumulated garbage on a beach in Lagos, close to the entrance of the Lagos marina in Lagos Bay Algarve, Portugal.

Speaking about marine residues is synonymous of plastic. Approximately 70% of all marine litter is composed of plastic. In our days, there are 20 million tons of plastic floating in the seas around the world.

José Silva, fisherman and resident in Lagos, Algarve, explains that "most of the garbage that we see here, was brought by currents", he also explains that "nobody cares about it, cleaning the trash occurs only occasionally, but rarely happen...". In fact, the garbage found on our beaches, is only a small percentage of all the garbage that exists in the world's oceans. In accordance with the United Nations Program for the Environment, only 15% of all marine litter floats to the surface, or in the water column. The remaining 70%, are on the bottom of the sea.

The oceans are dynamic systems in complex networks of currents that put water into circulation throughout the world. The residues floating on the sea are now days, a global problem that transcends boundaries of all countries.

João Nicolau 9ºC, Ana Luís 9ºC, Maria Gama 9ºC, Marta Martins 9ºD

Trabalho premiado (1º lugar) na Categoria 11-14 anos no concurso Litter Less Campaign (projeto internacional coordenado pela Foundation for Environmental Education), <http://jra.abae.pt/portal/campanha-litter-less-2014/premiados-nacionais/>.

educar para a qualidade e excelência

Quadro de Honra 2º P 2013/14

5º ANO		
4199	Marta Jesus Maurício	5º A
4219	Pedro Miguel da Glória S. Rodrigues Gomes	5º B
5356	Lorena Barbosa Antunes da Silva	5º B
4584	Maria Inês Dias Portela Caldeira	5º C
4670	Inês Maria dos Santos Rodrigues da Silva	5º C
5420	Maria Joana Facha Loureiro de Brito	5º D
5428	Maria Carolina Brito Caiado Correia Alemão	5º D
6º ANO		
4013	Ana Sofia Torre Amaral	6º B
4018	Catarina Ribeiro Luís Marques	6º C
4098	Joana Diogo Alves Correia	6º C
7º ANO		
4229	Mariana Brandão da Silva Fernandes Serra	7º A
4387	Maria Laura Cortez Mota	7º A
5131	Maria Leonor Miguel Neto	7º A
3892	Duarte Tomás Cardoso Rezio Martins	7º B
4213	Patrícia Teixeira Belo Marques	7º C
5079	Teresa Santos Costa Cabral	7º D
5116	Pedro Miguel Martins Rocha Nunes Dias	7º D
5130	Rita Frada Reis Vieira	7º D
8º ANO		
3707	Francisco Campos Nogueira Machado	8º A
3710	Gonçalo Caldeira Espinha Pinheiro Castela	8º A
3788	Miguel Pinto Correia Cardoso e Cunha	8º A
3809	Manuel Maria da Ponte Salema Garção	8º A
5015	Guilherme M. Borges Fernandes Barroca	8º A
4076	Beatriz Henriques Ferreira Martins Bernardo	8º B
3697	Beatriz Pinto Correia Cardoso e Cunha	8º C
3703	Carolina Viegas Dias Gomes	8º C
3732	Teresa Maria de Moura Coutinho Soromenho	8º C
4291	Francisco Henriques Botelho Severino Alves	8º C
4913	João Neto Afonso Dickson Leal	8º D
4970	Afonso Morgado Mota	8º D
9º ANO		
3579	Joana Lima Grilo Fernandes da Silva	9º B
3986	Mariana Franco Esguelha Simões	9º B
4100	Cláudia Teixeira Belo Marques	9º B
4696	Ana Rita Landeiro Filipe de Sousa	9º B
3937	Joana dos Santos Nobre da Costa	9º C
3939	João Marques Pereira Nicolau	9º C
3941	Maria Inês Feliz Barreiros Gama	9º C
3944	Miguel Maria Magalhães Crespo	9º C
3946	Rita Teixeira Henriques de Miranda	9º C
3586	Sofia Matias Coimbra Martins	9º D
4706	Catarina Castro Gaspar Cortesão Correia	9º D
10º ANO		
3376	Mariana S. Espada Venâncio Carrasco	10º 1A
3393	Mafalda Viegas Dias Gomes	10º 1A
3922	Miguel Micaelo Bengala	10º 1B
5483	Aisha Ismail Ahmad	10º 1B
5045	Maria Carolina Osório Gonçalves	10º 2
11º ANO		
3220	Inês Garcia Nunes Coelho	11º 1A
5035	Ana Alexandra Carvalho Reis	11º 1A
4364	Catarina Allen D'Ávila Silveira	11º 1B
4892	Laura Cardoso Seara Gonçalves Cabeça	11º 2
12º ANO		
19	Ana Catarina Moreira Pauleta	12º 1A
339	Gonçalo Lopes Martins e Pereira	12º 1A
386	Patrícia Bidarra Figueiredo C. Nascimento	12º 1A
997	Vasco de Sá Nunes Correia Diogo	12º 1A
3398	Diogo Filipe Pereira F. Fernandes Silva	12º 1A
3403	Tomás Quartin Bastos Almeida de Carvalho	12º 1A
3410	Carolina Madeira Fonseca	12º 1A
4236	Pedro Neto Afonso Dickson Leal	12º 1A
4325	Mariana Isabel Pereira Monteiro	12º 1A
4863	Catarina de Oliveira Soares	12º 1A
5177	Joana da Silva Cruz Gameiro Duarte	12º 1A
5183	Ricardo José Vareta Paiva	12º 1A
264	Manuel Maria da Costa Lorga Dias Portela	12º 1B
3652	José Alexandre da Costa Gameiro	12º 1B
3924	Alexandra Domingos Reis Pereira	12º 1B
4190	Alexandre Miguel Fernandes de Almeida	12º 1B
4211	Vasco Frada Reis Vieira	12º 1B
5027	Miguel Gaspar Relvas do Nascimento	12º 1B
1410	Maria Margarida Pessoa Jorge Vaz	12º 2
537	Matilde Quartin Simão Montalvão Figueiredo	12º 4
1011	Francisca Passos Roque Franco Carreira	12º 4
1415	Luísa Amorim de Oliveira Perdígão	12º 4
5059	Christian Pablo Carvalho Manuel	12º 4

Medalha de bronze para aluno do Valsassina na final nacional das Olimpíadas da Biotecnologia 2014



Boa prestação dos três alunos do Colégio Valsassina apurados para a Final nacional das Olimpíadas da Biotecnologia 2014: **Pedro Leal 12^ªA** ficou em 3^º lugar, **Carolina Fonseca 12^ªA** em 8^º e **Gonçalo Pereira 12^ªA** em 11^º.

A final decorreu no passado dia 9 de maio na Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica Portuguesa. Participaram 52 alunos, de cerca de 20 escolas. Estas Olimpíadas envolveram, desde a 1^ª eliminatória, cerca de 900 alunos e 40 escolas.

Alunos do Colégio vencem concurso escolar "a minha escola adota um museu, um palácio, um monumento..."

Em resultado da parceria estabelecida pelo Colégio Valsassina e a Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, participaram os alunos do 5^º e 6^º ano (nas disciplinas de **EV e ET**) e os alunos do agrupamento de artes do Secundário (na disciplina de Desenho), no concurso escolar 2014 "a minha escola adota um museu, um palácio, um monumento".

Ao longo de várias aulas, os alunos desenvolveram diferentes trabalhos que resultaram da observação do espólio artístico do museu e que se enquadraram na metas curriculares definidas para as disciplinas em questão.

Ao nível do **2º ciclo**, o Colégio obteve um **1º lugar e 9 Menções Honrosas**, num total de **13 prémios atribuídos**.

Já ao nível do **Secundário**, os trabalhos desenvolvidos pelos nossos alunos obtiveram **dois 1ºs lugares** num total de **7 prémios atribuídos**.

De referir ainda que este concurso decorreu a nível Nacional, sob a tutela do Ministério da Educação e a Secretaria de Estado da Cultura. Os resultados podem ser consultados em http://www.igespar.pt/media/docs/2014/05/14/A_Minha_Escola4_6_2013.pdf



Medalha de prata para aluno do Valsassina nas Olimpíadas da Matemática

Decorreu entre 3 e 6 de abril, em Aveiro, a Final das Olimpíadas Portuguesas da Matemática. Participaram cerca de 90 estudantes do 6^º ao 12^º ano e o Colégio Valsassina esteve representado por dois alunos do 9^º ano.

O aluno **Manuel da Costa Cabral** foi distinguido com uma Medalha de Prata.

A aluna **Joana Lima Grilo** foi distinguida com uma Menção Honrosa.

Alunos do Valsassina distinguidos em duas categorias no projeto internacional Litter Less Campaign 2014

O Litter Less Campaign é um projeto internacional coordenado pela *Foundation for Environmental Education* (FEE), que chegou este ano a Portugal, desafiando os nossos jovens a observar, interpretar, reportar e encontrar soluções mais sustentáveis para a problemática dos resíduos. A proposta de realização de uma investigação sobre resíduos, centrada num caso concreto observável na sua região visa a produção de reportagens escritas, fotográficas e/ ou vídeo. Os trabalhos dos alunos do Valsassina foram os grandes vencedores nacionais em duas categorias (<http://jra.abae.pt/portal/campanha-litter-less-2014/premiados-nacionais/>):

- Categoria 15 a 18 anos: "A vast sea of plastic" da autoria de **Carolina Fonseca, Mariana Monteiro, Catarina Pauleta, Joana Duarte, Vasco Diogo, Pedro Leal, Alexandra Pereira, Manuel Portela, 12^ªA e 12^ªB**

- Categoria 11 a 14 anos: "An ocean of plastic" de **João Nicolau 9^ºC, Ana Luís 9^ºC, Maria Gama 9^ºC e Marta Martins 9^ºD**

Alunos do Valsassina premiados na VIII Mostra Nacional de Ciência e 22º Concurso Nacional de Jovens Cientistas e Investigadores

A VIII Mostra Nacional de Ciência decorreu no Museu da Eletricidade, de 29 a 31 de maio. Estiveram presentes 100 projetos após uma primeira fase de candidaturas, onde foram submetidos mais de 150 trabalhos.

Os alunos apresentaram os trabalhos de investigação e foram avaliados por uma júri de especialistas em várias áreas. Este atribuiu o **Prémio Especial Energia** aos alunos do **12^ªA, Carolina Fonseca, Diogo de Oliveira, Pedro Leal**, pelo trabalho "Microbial fuel cell: Produção e estudo da eficiência de uma Microbial fuel cell no tratamento de águas residuais".

O aluno **João Brito**, do **10^ªA**, recebeu uma **Menção Honrosa** pelo trabalho "Audição em Humanos", desenvolvido durante o ano letivo no âmbito do projeto Sciencecalifragilistic na Fundação Champalimaud – Programa de Neurociências.

Colégio em ação



Semana Verde 2014

A Educação para a Sustentabilidade Ambiental surge como prioridade na sociedade atual que se quer informada e instruída para a formulação de opiniões e tomada de decisões sobre assuntos que a afetem, direta e indiretamente, como os relacionados com os problemas ambientais e a conservação de recursos naturais.

Perante este cenário, de 22 a 30 de abril realizou-se mais uma edição da Semana Verde tendo como principal objetivo sensibilizar e mobilizar a comunidade para uma cidadania mais ativa em defesa do equilíbrio planetário, designadamente desenvolver competências para poder agir na construção de uma Sociedade mais Sustentável.

As atividades desenvolvidas procuraram apelar para uma cidadania mais ativa. Destacamos: os laboratórios abertos; jogos ambientais; exposição de trabalhos de alunos; NASA#Global selfie pela Terra; Bike to school day; ações de intervenção pela biodiversidade; TED^x Valsassina.

Bike to School Day

A Lisboa E-Nova – Agência Municipal de Energia-Ambiente e a Mubi – Associação pela Mobilidade Urbana em Bicicleta – “Sexta de Bicicleta”, com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa, organizaram a Iniciativa BIKE TO SCHOOL DAY.

Com esta iniciativa pretendeu-se sensibilizar o público mais jovem para a necessidade de reduzir os impactos ambientais da mobilidade urbana, promovendo os meios suaves de mobilidade, neste caso, mais concretamente, a utilização da bicicleta no percurso casa-escola-casa. Tratou-se de uma oportunidade para os alunos, e restante comunidade escolar, poderem aceder aos conhecimentos necessários à utilização correta e segura da bicicleta.

No Bike to School Day –Valsassina **participaram cerca de 120 alunos, dos 4 anos ao 11º ano**, para além de professores e alguns pais/encarregados de educação.

- Os alunos da Infantil (4 e 5 anos) e 1º ciclo realizaram um percurso e atividades no espaço Quinta do Colégio Valsassina.

- Para os alunos do 2º e 3º ciclo e secundário, assim como para professores e pais/encarregados de educação o percurso foi realizado na ciclovia existente na área envolvente ao Colégio Valsassina, em Marvila e em Alvalade.



TED^x Valsassina

Que futuro? Este foi o tema de um evento TED^x que se realizou no Colégio Valsassina no dia 30 de abril. Pretendeu-se abordar o tema de diversas formas: começando por olhar para o Planeta onde vivemos, até ao papel que cada um tem, enquanto cidadão, para um futuro mais sustentável e solidário.

O programa contou com a participação de:

- **Alterações climáticas: desafios e adaptação.** **Ana Rita Antunes.** Quercus, Grupo Energia e Alterações Climáticas.

- **Condomínio da Terra.** **Paulo Magalhães.** Jurista e investigador Cesnova/FCSH/Univ.Nova de Lisboa, onde também é doutorando em Ecologia Humana. Em 2007, publica “O Condomínio da Terra: das Alterações Climáticas a uma Nova Concepção Jurídica do Planeta” onde se propõe uma gestão da Casa Comum da Humanidade baseada na experiência jurídica da propriedade condominial

- **Economia Verde.** **Nuno Gaspar de Oliveira.** Biólogo da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, especializado em Ecologia Aplicada. Investigador assistente no Centro de Estudos de Gestão do Instituto Superior Técnico na área da Gestão Estratégica para a Sustentabilidade. Professor Assistente de Economia da Energia e dos Recursos Natural no Instituto Superior de Gestão.

- **Pessoas 360 para um Futuro Sustentável.** **Fernanda Pargana** Secretária Geral do Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável – BCSD Portugal.



● O que se passa no cérebro e como interage com o mundo. Conseguiremos tirar mais partido do cérebro no futuro? **Pedro Ferreira** Gulbenkian/Champalimaud International Neuroscience Doctoral Programme (INDP). Neurobiology of Action Lab, Champalimaud Centre for the Unknown.

● Os valores da solidariedade e da cooperação. **Paulo Vitória** Professor de EMRC no Colégio Valsassina.

Este evento inseriu-se no âmbito do projeto ecoValsassina/Eco-Escolas e também do projeto UE: sustentabilidade e uso eficiente dos recursos. Contou também com o envolvimento da AECV.

7 dias com os Media

A iniciativa nacional "7 Dias com os Media" realizou-se em 2013 na semana de 3 a 10 de maio. A organização foi do Grupo Informal de Literacia para os Media (GILM), constituído pela Comissão Nacional da UNESCO, Conselho Nacional de Educação, Entidade Reguladora para a Comunicação Social, Gabinete para os Meios de Comunicação Social e Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. Tratou-se de uma operação de sensibilização para o papel e lugar que os media tradicionais e de nova geração ocupam no quotidiano de todos nós.

O Colégio Valsassina associou-se a esta semana, tendo sido organizado um conjunto de atividades entre as quais se destacam: **Concurso – Cultura em jogo!**; **Mesa de Debate: Os Media – Liberdade de expressão e censura**; **Citações, opiniões de programas vários de rádio (no rádio da AECV)**. Foi criado o blogue "mediasassina.weebly.com".

A disciplina de **Português** e os alunos das **turmas do 10º ano** constituíram o grupo motor das atividades.

Semana da Informática 2014

José Rainho Professor de Informática

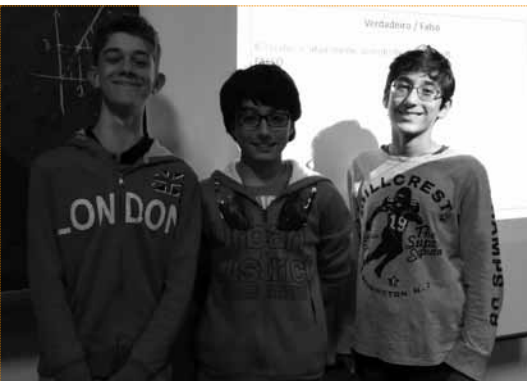
Decorreu entre 12 e 16 de maio a edição deste ano da Semana da Informática, uma semana dedicada a celebrar esta ciência que, de facto, mudou as nossas vidas. À semelhança dos anos anteriores, incluiu atividades e concursos interessantes e variados. Os alunos do 5º ano provaram que conseguem localizar rapidamente informação na Web, no concurso Pesquisa Relâmpago.

Os mais rápidos foram o **Tomás Pacheco** do 5ºB, o **Pedro Pinto** do 5ºD e a vencedora **Carolina Alemão** do 5ºD.

Já os alunos do 7º e 8º ano competiram na SideQuest, um jogo de perguntas e respostas por eliminatórias. Chegaram à final o **Hugo Oliveira** do 8ºD, o **Renato Pedrosa** do 7ºA, a **Francisca Silvano** do 8ºA, o terceiro classificado **Guilherme Barroca** do 8ºA, o segundo classificado **Afonso Mota** do 8ºD e o grande vencedor, da turma 7ºA, **Guilherme Barata**. O 12º ano testou os seus conhecimentos de programação, adquiridos na disciplina de Aplicações Informáticas B, no desafio CTW – Code_This_noW. Em terceiro lugar ficou **Manuel Portela**, do 12º1B, e a turma 12º2 dominou o concurso com o segundo lugar de **Tiago Centeno** e a vitória de **David Madeira**.

Como já vem sendo habitual, voltou-se a organizar a Caça ao Tesouro, a "prova rainha" da Semana da Informática, aberta à participação de todos os alunos do Colégio. Neste passatempo, os alunos tinham de resolver nove enigmas em sequência, através de um conjunto de páginas Web, para conseguirem chegar ao último nível e ganhar o jogo. Registou-se um número recorde de 417 participações, das quais 77 conquistaram o último nível. No pódio estiveram **Abel Quental** do 12º4 e **Lorena Silva** do 5ºB, mas a vitória final pertenceu a **Gil Oliveira** do 10º1A.

Parabéns a todos os vencedores, obrigado a todos os participantes e até para o ano!



Colégio em ação

Um dia na escola

Valsa Regiões
Quiosques, canções, danças regionais... O nosso país, descrito e vivido pelos alunos do 1º ciclo

Realizou-se no dia 7 de junho a tradicional Festa do Colégio, que permitiu juntar toda a comunidade Valsassina: alunos (dos 3 anos ao 12º ano), famílias, professores e colaboradores. Foi um dia repleto de atividades, com muita animação e convívio entre todos. Deixamos aqui alguns exemplos das atividades realizadas (o programa completo está disponível em <http://valsassina.no-ip.org/temp/programa-2014.pdf>).



Desfilando com imaginação. 9º ano

Lançamento do livro "Dois reinos e uma coroa"
Dois reinos e uma coroa é um livro "criado a várias mãos" que permitiu a 355 alunos desenvolver competências em áreas como a escrita, a ilustração, a dramatização, a animação, o conto, a música, a tradução. Este projeto envolveu alunos do 2º e 3º ciclo e do secundário.





Era Assim...

Os alunos do 2º ciclo, ao longo do ano letivo, realizaram um trabalho de investigação sobre como eram os "tempos de antigamente". Daqui resultou um dia na vida de uma família que nos levou a situações, figuras e momentos que fazem parte da nossa memória.



As Artes no nosso Mundo, Cinema, teatro e literatura. 4 e 5 anos



Ginástica Artística e Hip-hop



Tarde de Quizz

Questões variadas, enigmas desafidores e muita diversão. Foi assim que estiveram "em competição" miúdos e graúdos, pais e filhos, alunos, professores e colaboradores, em busca da vitória. Foi um final de tarde muito bem passado...

educar... Educar mentalidades sem condições e em urgência

Maria José Albarran Alves de Carvalho Avó de uma aluna de 3 anos

Particpei na Educação em Moçambique, ligada ao ensino Superior, no Instituto Pedagógico.

E **educar é pensar**, princípio quase nada seguido por regimes de sinal diverso. Leccionei em Portugal, na URSS, em França, em Moçambique, em Timor. Estive em muitos países, de todos os regimes, em congressos, de visita, procurando entender o que subsumia o sistema educativo. Folheei-lhes livros escolares, debati sistemas educativos, para concluir que não é o desenvolvimento de capacidades críticas o predominante. Gracejo reformulando frase famosa de Marx, «o espírito crítico ser o coveiro do poder».

Nos primeiros anos de Independência, em Moçambique, vivi factio bem oposto. Convocaram-nos para reunião ministerial com Graça Simbine, creio que dois anos depois Machel.

A Ministra, em síntese, mostrou os perigos de educar sem desenvolver o pensamento, exemplificando com visita que fizera dias antes, onde tinha sido recebida por crianças num coro de slogans, dos quais citou «Viva o Socialismo Científico» e similares. Não queria criar papagaios, sem discernimento.

Pedi-nos textos de apoio ao ensino. Restavam-nos duas semanas... E terminou, em frases cujo sentido tanto quanto recordei era: 'O que vos peço, para ontem, é que, sem pensarem em si próprios, na carreira, no curriculum, possam entregar às nossas crianças textos não coloniais, bonitos, sobre a nossa realidade, a identidade moçambicana, os avanços da humanidade. Ajudem-nas a ser gente pensante, começando desde já.'

Tempos fundacionais da nação, desenhavam-se objectivos claros e para o exercício do pensamento crítico. Nós e mais alguns deslocar-nos-íamos pelo território reciclando os docentes, aduzindo mais fichas de trabalho, textos, etc. Indescritível seria contar como respondemos ao solicitado em duas semanas, dia e noite, mas fizemo-lo.

Foram precisos anos para serem as nossas toscas colectâneas completamente substituídas por criteriosos livros escolares, nível por nível. Aquela solução de emergência terminou prolongada – futuro imprevisível e indesejável; compreensível, contudo, na falta de quadros nacionais. Tínhamos trabalhado pelas crianças e jovens, nossos filhos ou não.

A Ministra é que nos tocou a todos. Marcou as nossas atitudes docentes e de seres humanos. Fez-nos fitar, juntos, aquele único ponto do horizonte que apenas cada um pode fixar, e só, na sua mais íntima meditação para benefício alheio. Aprendermos a estar presentes nas grandes causas.

Foi a mulher de Nelson Mandela. Agora é a sua viúva. É uma mulher combatente, fiel a si própria e a causas libertadoras do ser humano. Conheci-lhe o corajoso valor autónomo, transformador de modos de pensar e agir. Uma mulher expandida para o OUTRO. Lutadora incansável pelos Direitos Humanos, plenamente interiorizara o conhecimento crítico como pilar na formação de crianças e jovens na sua identidade, através da capacidade de tomar decisões libertadoras de si, conjuntamente com a sua comunidade e as outras, idênticas nos princípios – conquista sagrada da humanidade contra a pobreza, nesta Terra de interdependências.

Termino sublinhando esse ponto crucial da educação, do crescer aprendendo vida fora: fazer desabrochar o cerne do pensamento, atingindo o resultado de lançar na vida activa mais um ente em corajoso exercício de um discernimento crítico.

Aconteceu...



Missão JRA - Alentejo

A missão de um Jovem Repórter para o Ambiente é a de observar, inquirir, analisar e reportar o que o envolve. De 7 a 12 de abril realizou-se uma missão ao Parque de Natureza de Noudar, no Alentejo. A aluna **Mafalda Gomes**, do 10^o1A, candidatou-se e foi selecionada para esta atividade. As reportagens estão disponíveis em <http://jra.abae.pt/portal/actividades-jra/missao-jra-parque-de-natureza-de-noudar-2014/reportagens-missaonoudar/>.

Dia da Mãe

Para festejar este dia, os alunos de 3 anos convidaram as suas mães a passar uma manhã no colégio. Participaram numa aula de Educação Musical/Expressão Plástica, trabalharam lápis de carvão nos cavaletes do atelier e pintura coletiva com o grupo (guache/trincha e pincel) no hall.

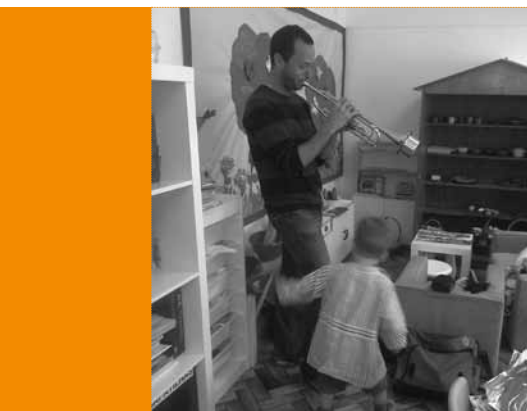


Projeto "As artes no (nosso) Mundo"

No âmbito do Projeto "As artes no (nosso) Mundo", a pintura foi vivida pelos alunos dos 3 anos A, através de uma visita a uma sala de Educação Visual no Liceu, onde observaram trabalhos realizados a vitral. Os 3 anos da turma B, que estão a estudar a música tiveram a surpresa do pai do **Pedro Enguiça** que veio tocar trompete.

Palestra sobre aves marinhas

Realizou-se no passado dia 7 de maio, uma palestra sobre aves marinhas, no âmbito do projeto MARPRO. A sessão foi apresentada pelo **Dr. Nuno Barros** do Programa Marinho da SPEA e teve como público alvo alunos do 7^o ano.



Fase distrital do Plano Nacional de Leitura

Realizou-se no passado dia 12 de maio, na Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos, Amadora, a Fase Distrital do Concurso do Plano Nacional de Leitura. Depois de terem sido selecionados na fase escolar, participaram os alunos **Filipa Tojal Silva 7^oA**; **Joana Lima Grilo Silva 9^o**; **Rita Miranda 9^o**; **Miguel Bengala 10^o1B**; **Manuel Portela 12^o1B** e **Joana Duarte 12^o1A**.

Encontro dos alunos do 7^o ano com a escritora Vera de Vilhena

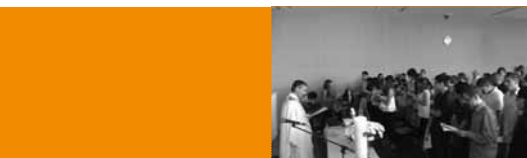
No dia 15 de maio os alunos das turmas do 7^o ano participaram num encontro com a escritora **Vera de Vilhena**. Esta atividade foi promovida pela disciplina de Português em conjunto com a Biblioteca.

Foi possível conhecer um pouco mais esta escritora e conversar um pouco sobre a sua forma de escrever e sobre os seus livros.



Missa de Finalistas

No passado dia 15 de maio realizou-se mais uma Missa de Finalistas. Foi uma oportunidade para juntar a comunidade Valsassina e celebrar a vida e percurso dos finalistas do 12^o ano. A totalidade do ofertório foi disponibilizada para a Missão Cabo Verde (<https://pt-pt.facebook.com/missaocaboverde2014>).



Jantar de Finalistas

No dia 16 de maio realizou-se o tradicional jantar de finalistas do 12^o ano. Foi em clima de convívio (entre alunos, pais, professores e direção do colégio) e alguma nostalgia que se homenageou cada um dos finalistas (a maioria dos quais estuda no Valsassina desde dos seus 3-5 anos).

Aconteceu...



Almoço Anual de Antigos Alunos

O Colégio Valsassina e a Associação de Antigos Alunos do Valsassina organizaram, no dia 17 de maio, mais um almoço dos Antigos Alunos. Foi um momento de partilha de memórias e de convívio entre antigos alunos e professores.

Simpósio Fundação Champalimaud

Realizou-se no dia 17 de maio o II Simpósio Sciencecalifragilistic, no Auditório da Fundação Champalimaud. O programa deste Simpósio incluiu um conjunto de curtas apresentações por membros do CNP e alunos envolvidos no Sciencecalifragilistic, seguido de um lanche e de uma sessão de posters, onde os alunos da edição deste ano apresentaram os seus projetos científicos. **Catarian Soeiro, Mariana Carrasco e João Brito**, do **10º1A**, tiveram a oportunidade de apresentar o trabalho desenvolvido ao longo do ano letivo.

Bem vindos a Beirais - 5 Anos A

No dia 19 de Maio, os alunos da sala de 5 anos A, realizaram, no âmbito do projeto sobre o Cinema, uma visita às gravações da série televisiva “Bem vindos a Beirais”. Foi possível vivenciar uma gravação de exterior de uma cena, junto dos atores, técnicos e restante equipa bem como interagir com todo o elenco envolvente. Foi muito interessante e motivador para os alunos.

Projeto do Valsassina no Programa Economia Verde da Sic Notícias

No dia 21 de maio o Programa Economia Verde da Sic Notícias deu destaque à vertente social do Rock in Rio. Em 2008 o Valsassina foi uma das escolas premiadas no concurso Escola Solar, com um projeto que pretendia combater as alterações climáticas e reduzir a pegada carbónica, o que motivou o convite para esta participação. A reportagem está disponível em: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/economiaverde/2014-05-21-como-se-desenvolveram-as-iniciativas-lancadas-pelo-rock-in-rio>.

Visita de especialistas em educação ambiental no âmbito do Programa para o Desenvolvimento das Nações Unidas

Perceber como funciona uma Eco-Escola. Este foi o mote para uma visita ao Valsassina de uma delegação de especialistas em educação ambiental da Bielorrússia. A visita realizou-se no dia 26 de maio e foi orientada por alunos do 7º ao 12º que explicaram o trabalho que tem sido desenvolvido desde 2003/04 na rede Eco-Escolas e como é aplicada a metodologia deste programa.

Missão JRA – Rock in Rio

Fruto do desenvolvimento de uma parceria entre a organização do Rock in Rio-Lisboa e a Associação Bandeira Azul da Europa (ABAE-FEE Portugal), que nasceu há 8 anos, os Jovens Repórteres para o Ambiente tiveram, mais uma vez, a oportunidade de, durante evento Rock in Rio-Lisboa 2014, vestir a camisola de Jovens Repórteres para o Ambiente, aplicando a metodologia deste Programa de Educação para a Sustentabilidade durante os dias do festival. Candidataram-se e foram selecionados para esta missão os alunos do **10º1A**, **Mariana Carrasco** e **André Ramos**. As reportagens podem ser consultadas em <http://jra.abae.pt/portal/actividades-jra/missao-jra-rock-in-rio-2014/>

Audições de piano

As Audições de Piano 2014 realizaram-se no dia 27 de maio.

Aconteceu...

Semana da Música 2014

De 5 a 9 de maio celebrou-se a música, numa semana cheia de atividades. A semana da música envolveu alunos, desde o jardim de infância ao secundário, professores e encarregados de educação, em várias atividades: Atuações do Coro; Participação de “Pais músicos”, nas aulas de Educação Musical do 1º e 2º ciclo; Audições de piano; Concurso de Cultura musical; Concurso de Talento musical do 1º ao 9º ano. Todas as atividades tiveram grande adesão.

Sete projetos de alunos do Valsassina selecionados para a Mostra Nacional de Ciência

Para a edição de 2014 do Concurso para Jovens Cientistas e Investigadores foram apresentados mais de 120 projetos, envolvendo mais de 300 alunos. Destes, foram selecionados 100 para a Mostra Nacional de Ciência que decorreu no Museu da Eletricidade de 29 a 3 de Maio. Todos os projetos apresentados por alunos do Valsassina foram selecionados. Os títulos e autores podem ser consultados em biovalsassina.blogspot.pt.

Voluntariado no Banco Alimentar contra a Fome

Integrado no Projeto de Voluntariado que se desenvolve no Colégio, alunos, pais e professores participaram no dia 31 de maio na recolha nacional do Banco Alimentar Contra a Fome. Agradecemos a todos pela total disponibilidade.

Apresentação final dos projetos da Academia Empreender Jovem

Os alunos do 12º ano desenvolveram ao longo do ano letivo, um projeto no âmbito da Academia Empreender Jovem, em parceria com a AIP. No dia 2 de junho apresentaram e defenderam os seus trabalhos perante um júri constituído por elementos da AIP e empresários. De acordo com este, os melhores projetos foram:

- 1º) **Carolina Fonseca, Diogo Oliveira e Pedro Leal, 12º1A.** Henergy: Desenvolvimento e utilização de MFC (célula de combustível microbiana) como método de tratamento de águas residuais e produção de hidrogénio, como resposta aos elevados custos das ETARS e à necessidade de energias renováveis.
- 2º) **Tomás Carreira, Joana Amaral, Alexandre Almeida, Francisco Silva, José Gameiro, 12º1B.** EasyButter: Proposta de uma manteiga em spray.
- 3º) **Tomás Cerejeira, Diogo Pimentel, Francisco Esguelha, Gonçalo Mota Carmo, 12º1B.** Put Your Hand Up: Aplicação para smartphones e tablets que permite esclarecer dúvidas de várias disciplinas; Propõe-se também, numa segunda fase, desenvolver um website com o mesmo fim.

Colóquio sobre estética

No dia 3 de junho os alunos do 10º anos participaram num colóquio sobre estética. Este contou com a do **Dr. João Pinharanda** e da **Dr.ª Catarina Lobo**, que abordaram respetivamente as artes plásticas e música. O Dr. João Pinharanda é atualmente curador da Fundação EDP, crítico de arte e professor universitário. A Dr.ª Catarina Lobo é uma das coordenadoras do serviço de música da Fundação Calouste Gulbenkian.

Sessão de formação para pais

“Os desafios da Criança desatenta”. Este foi o tema de mais uma sessão de formação para Pais e Encarregados de Educação, que se realizou no passado dia 3 de junho. A sessão foi orientada pelo Hospital Cuf Descobertas (Clube PHDA).



Aconteceu no desporto...

Ténis Vice-campeões regionais Campeonato Regional de Ténis no escalão Juvenil

A equipa Juvenil de Ténis do Colégio Valsassina constituída pelos jogadores **Maria Inês David, Luís Gonçalves, Rodrigo Vieira e Luís Penim**, sagrou-se Vice-campeã Regional de Ténis. Este resultado deveu-se ao bom desempenho, e a um espírito de equipa assinalável de toda a comitiva. Com este resultado a equipa conseguiu o apuramento para os Nacionais.



3º Torneio do Desporto Escolar 2013/2014

Esta prova não contava para o Circuito de Singulares, e destinava-se à modalidade de Pares nos escalões de Infantis A e B, e de Equipas nos escalões de Iniciados e Juvenis. A prova de Equipas tinha como objectivo o apuramento para o Campeonato Regional de Equipas. Mais uma vez os alunos do Colégio estiveram em grande destaque, graças aos seus bons desempenhos.

- Nos Pares Infantis A Masculinos, o Par **João Henriques/Francisco Costa** venceu a prova sendo finalista o Par, também de alunos do Colégio, **Afonso Santos/Manuel Neves**.
- Nos Pares Infantis B Femininos, o Par **Mafalda Lopes/Maria Almeida** foi finalista da prova, e o Par **Rita Carvalho/Mary Lara** ficou em 4º Lugar.
- Nos Pares Infantis B Masculinos, o Par **David Valente/Federico Costelli** foi finalista da prova, e o Par **José Pereira/Pedro Dias** foi 4º Classificado.
- Na prova de Equipas de Iniciados a Equipa do Colégio formada pelos alunos, **Leonor Paim, Afonso Carvalho, Miguel Nabais e Francisco Pedro** ficou em 3º Lugar.
- Na prova de Equipas de Juvenis, a Equipa do Colégio formada pelos alunos, **Maria Inês David, Luís Gonçalves e Rodrigo Vieira** sagrou-se Campeã de Lisboa e apurou-se para os Campeonatos Regionais.

Xadrez - Taça Valsassina 2014

Luis Reynolds Professor de Xadrez

Realizou-se no passado sábado, dia 10 de Maio, a segunda edição da Taça Valsassina campeonato de xadrez Inter-escolas por equipas, uma organização do Clube de xadrez do Colégio Valsassina, que contou com o apoio técnico da Associação de Xadrez de Lisboa e a participação de equipas do nosso Colégio e das escolas convidadas pela organização: Escola Alemã de Lisboa, Liceu Charles Lepierre, Saint Julian's school, Escola Básica Parque das Nações/Teen Academy e do Grupo de Xadrez da Casa da Moamba.

A prova disputou-se no refeitório do Colégio Valsassina, em sistema suíço de 5 (cinco) sessões com um ritmo de jogo de 10 minutos para cada jogador concluir a partida. Contámos com a participação de 12 equipas, das quais 5 do Colégio Valsassina, 3 da Escola Básica do Parque das Nações/Teen Academy, 1 da Escola Alemã de Lisboa, 1 do Liceu Charles Lepierre, 1 do Saint Julian's School, e 1 da Casa da Moamba.

Cada equipa foi formada por 4 jogadores efetivos podendo ter 2 jogadores suplentes. A Direção da prova esteve a cargo do **Sr Mário Sena Lopes** (Grupo de Xadrez Alekhine) e a Arbitragem a cargo dos professores **Luis Reynolds** (Árbitro Nacional) e **Paulo Dias** (Mestre Internacional). O cartaz promocional do evento foi da autoria da **Dra. Maria Jesus**.

A equipa Colégio Valsassina "A", composta por **Duarte Vila Maior, Goncalo Abreu, Pedro Machado, Luis Almeida e Diogo Ferreira** venceu a competição com 15,5 pontos.

A equipa Valsassina "E" (**João Silva, Frederico Galvão, Francisco Moreira e Miguel Tribuna**), alcançou o segundo lugar com 15 pontos, ocupando o terceiro lugar a equipa da Escola Básica do Parque das Nações/Teen Academy (**Ricardo Castelo Branco, Diogo Farinha, Rodrigo Duarte e Duarte Farinha**) com 13 pontos.

Presidiu ao encerramento da prova e entrega de dos prémios a Dra. Maria Valsassina acompanhada pelo Sr. Professor José Magalhães, que entregaram troféus as três primeiras equipas e medalhas a todos os atletas.

Aconteceu no desporto... **Equipa de Voleibol Infantis A vence campeonato**

A Final de Infantis A em Voleibol, realizada no dia 10 de maio no ginásio Valsassina, contou com a participação de 25 equipas. O Valsassina conseguiu um 1º e 3º lugar no masculino e um 3º e 4º lugar no feminino.

Voleibol- Iniciados masculinos

No sábado, dia 17 de maio, realizou-se o 4º torneio de Voleibol de Iniciados, onde estiveram presentes os alunos/jogadores do COLÉGIO VALSASSINA, que fazem parte do nosso GRUPO/EQUIPA DE VOLEIBOL DE INICIADOS MASCULINOS. Jogadores participantes: **Bruno Calado, Duarte Almeida, Guilherme Castel Branco, Guilherme Santos, Guilherme Silveira, Manuel Sousa, Manuel Sebastião Trigo, Pedro Branco, Rodrigo Castro, Rodrigo Santos e Tiago Castro**. Neste torneio a equipa do colégio revelou um excelente desempenho, tendo vencido os três jogos realizados. Parabéns aos nossos alunos pelo bom desempenho ao longo do ano, pois esta equipa é constituída, na sua maioria, por jogadores Infantis B (12 anos). Resultados:

C. Valsassina x Esc. B. e Sec. Filipa Lencastre = 3-0 (25/15; 25/17; 15/6)

C. Valsassina x Esc. Básica 2,3 Telheiras = 2-1 (25/12; 25/17; 11/15)

C. Valsassina x Esc. Básica 2,3 Luís Camões = 2-1 (25/16; 15/25; 15/10).

Ténis: Vice-campeões nacionais

Equipa de Ténis do Colégio Valsassina sagra-se Vice-Campeã Nacional de Ténis do Desporto Escolar.

A equipa de Ténis do Colégio Valsassina do Escalão de Juvenis, constituída pelos alunos, **Maria Inês David, Luís Gonçalves, Rodrigo Vieira**, e pelo árbitro **Afonso Carvalho** teve um excelente desempenho nos Campeonatos Nacionais de Ténis do Desporto Escolar, sagrando-se **Vice-campeã Nacional**. A prova decorreu nos campos de Ténis do Complexo Desportivo do Estádio Universitário de Lisboa.

Vai acontecer... **Julho**

- Ocupação dos Tempos Livres

Setembro

- Desenvolvimento do projeto SEA-UNESCO de Evocação da 1º grande guerra mundial, com destaque para o Património Cultural Subaquático

Outubro

- Ações de plantação no âmbito do projeto "Um aluno, uma árvore, um compromisso"

Novembro

- ValsaMat
- Semana da Ciência e da Tecnologia

Dezembro

- Exposição de trabalhos realizados no 1º período
- Publicação da edição nº 57 da Gazeta Valsassina

Próxima edição... envie-nos a sua sugestão para geral@cvalsassina.pt

A edição da Gazeta Valsassina envolve o uso de um recurso natural que vem das árvores, o consumo de energia para produzir o papel, imprimi-lo e transportá-lo, liberta gases com efeito de estufa responsáveis pelo aquecimento global. Caminhando para uma Low Carbon School compensámos as emissões que não conseguimos evitar através do apoio a um projecto que sequestra o dióxido de carbono pelas raízes das plantas e o guarda no solo. A Gazeta Valsassina é carbonfree – livre de emissões de carbono.



